

4

Exegese de Jo 15,1-8

4.1.

O texto e contexto²⁵⁷

A perícope em estudo se encontra na segunda parte do evangelho que começa com o capítulo 13, “o livro da glória” (cap. 13–21)²⁵⁸. O contexto literário é de um testamento em um discurso de despedida. Jo 15,1-8 é uma pausa reflexiva para falar de algo fundamental para a comunidade que se encontra no mundo: “permanecei em mim”.

O EvJo possui características peculiares. Embora arrolado no gênero evangelho, muito difere dos sinóticos. As questões que envolvem são bem mais complexas: autoria, suas fontes, sua unidade; as soluções, portanto também são complexas²⁵⁹. De qualquer modo, essas questões indicadas – acrescentando a própria relação com os sinóticos – não receberam significativas novidades nos últimos anos, tendo muitas propostas de estruturas²⁶⁰. O pressuposto desta pesquisa é o texto canônico. Os dados do contexto literário serão devidamente indicados na delimitação da perícope.

4.1.1.

Segmentação e tradução de Jo 15,1-8

O objetivo do estudo exegetico é narrar o texto a partir de dentro, de modo a obter uma compreensão em um modo mais profundo, levando em conta fatores que não se pode ter todos presentes em uma primeira vista. Esta narração está em função de que a comunidade de fé, à qual estes textos foram destinados, possa,

²⁵⁷ Serão utilizados neste capítulo os mesmos exercícios técnico-literários de análise aplicados no texto de Paulo (Fl 3,1-16).

²⁵⁸ BROWN, R.E. *The Gospel according to John*. New York: Doubleday & Company, 1970. V 1 e 2. A denominação de “livro dos sinais” e “livro da glória” utilizada no comentário de Brown se tornou clássica. Cf. KÖNINGS, J. *Evangelho Segundo João*. p. 250.

²⁵⁹ SCHNACKENBURG, R. *El Evangelio Según San Juan*. V. 1. p. 43: “não é previsível uma solução da questão joanina, um acordo sobre as numerosas questões particulares que nela concorrem de maneira complexa”. De qualquer modo, hoje se enfatiza mais a unidade, coloca-se em cheque a hipótese da fonte gnóstica defendida por Bultmann. Mesmo se, a partir de fontes, o autor “assumiu (material anterior) com soberano domínio para sua exposição do Evangelho” (*Idem*, p. 92).

²⁶⁰ Cf. LÉON-DUFFOUR, X. Où en est la recherche johannique? In: *Origine et postérité de l'évangile de Jean. XIII Congrès de l'ACFEB Toulouse*. Paris: Cerf, 1990. p. 37.

sempre de modo novo, escutar a Palavra fundadora por meio das palavras tecidas no texto.

15,1 Ἐγώ εἰμι ἡ ἄμπελος ἡ ἀληθινή	1a	Eu sou a videira verdadeira
καὶ ὁ πατήρ μου ὁ γεωργός ἐστιν.	1b	e o meu pai é o agricultor.
² πᾶν κλῆμα ἐν ἐμοὶ μὴ φέρων καρπὸν	2a	Todo ramo que em mim não produz fruto,
αἶρει αὐτό,	2b	ele o retira,
καὶ πᾶν τὸ καρπὸν φέρων	2c	e todo que produz fruto,
καθαίρει αὐτό	2d	ele o limpa
ἵνα καρπὸν πλείονα φέρῃ.	2e	a fim de que produza mais fruto.
³ ἤδη ὑμεῖς καθαροὶ ἐστε	3a	Vós já estais limpos
διὰ τὸν λόγον	3b	por causa da palavra
ὃν λελάληκα ὑμῖν.	3c	que vos falei.
⁴ μείνατε ἐν ἐμοί,	4a	Permanecei em mim
καὶ ἐγὼ ἐν ὑμῖν.	4b	e eu em vós.
καθὼς τὸ κλῆμα οὐ δύναται καρπὸν φέρειν ἂν αὐτοῦ	4c	Como o ramo não pode produzir fruto por si mesmo
ἐὰν μὴ μένῃ ἐν τῇ ἀμπέλῳ,	4d	caso não permaneça na videira,
οὕτως οὐδὲ ὑμεῖς	4e	assim nem vós,
ἐὰν μὴ ἐν ἐμοὶ μένητε.	4f	caso não permaneçais em mim.
⁵ ἐγώ εἰμι ἡ ἄμπελος,	5a	Eu sou a videira,
ὑμεῖς τὰ κλήματα.	5b	vós os ramos.
ὁ μένων ἐν ἐμοί	5c	Aquele que permanece em mim
καὶ ἐγὼ ἐν αὐτῷ	5d	e eu nele,
οὗτος φέρει καρπὸν πολύν,	5e	este produz muito fruto,
ὅτι χωρὶς ἐμοῦ οὐ δύνασθε ποιεῖν οὐδέν.	5f	pois sem mim não podeis fazer nada.
⁶ ἐὰν μὴ τις μένῃ ἐν ἐμοί,	6a	Caso alguém não permaneça em mim
ἐβλήθη ἔξω	6b	é jogado fora
ὥς τὸ κλῆμα	6c	como o ramo
καὶ ἐξηράνθη	6d	e é secado
καὶ συνάγουσιν αὐτὰ	6e	e os juntam
καὶ εἰς τὸ πῦρ βάλλουσιν	6f	e para o fogo jogam
καὶ καίεται.	6g	e é queimado.
⁷ ἐὰν μένητε ἐν ἐμοί	7a	Caso permaneçais em mim
καὶ τὰ ῥήματά μου ἐν ὑμῖν μένῃ,	7b	e as minhas palavras permaneçam em vós,
ὃ ἐὰν θέλητε	7c	o que quiserdes
αἰτήσασθε,	7d	pedi,
καὶ γενήσεται ὑμῖν.	7e	e acontecerá para vós.
⁸ ἐν τούτῳ ἐδοξάσθη ὁ πατήρ μου,	8a	Nisto é glorificado o meu Pai
ἵνα καρπὸν πολὺν φέρητε	8b	que produzais muito fruto
καὶ γένησθε ἐμοὶ μαθηταί.	8c	e torneis meus discípulos

4.1.2. Delimitação da perícópe

Com temática e vocabulário próprios, a perícópe da videira (Jo 15,1-8) se encontra no contexto da revelação de Jesus perante a comunidade dos discípulos (cap. 13–17). Nosso texto é precedido pelo lava-pés (13,1-20), o anúncio e identificação do traidor (13,21-30) e, finalmente, pelo grande discurso centrado na partida de Jesus para o Pai, com o dom do mandamento novo e a promessa do Paráclito (13,31–14,31).

Esta perícópe se coloca em um lugar estratégico. No texto, Jesus acaba de falar de sua volta para o Pai; antes é necessário que os seus saibam o que é essencial, o que os faz ser discípulos e como nasceram para o discipulado. Deste modo poderão sustentar-se frente ao ódio do mundo (15,18–16,4a).

A perícópe da videira é uma subdivisão de 15,1-17 ou mesmo de 15,1–16,4a. Sobre a delimitação da perícópe são feitas as mais variadas propostas; enquanto sobre o início não há opiniões discordantes, sobre o fim são quase tão numerosas as propostas, quantos os versículos que compõem este intervalo²⁶¹.

Vendo o texto sobre a perspectiva da “gênese do discípulo”, que é um ramo que produz frutos para a glorificação do Pai, no v. 8 há um repouso do andamento do *mashal* joanino²⁶². Sendo um mashal, seu objetivo é “o de avivar a percepção

²⁶¹ Blank chama a unidade 15,1–16,33 de “segundo discurso de despedida”. “Aparece a comunidade como tal em um primeiro plano muito mais destacado; aqui se formula explicitamente a temática eclesiológica” (BLANK, J. *O Evangelho segundo João*. Petrópolis: Vozes, 1988, p. 139). Bultmann delimita 15,1-8: *meinate en emoi*; 15,9-17: *meinate en ágape* (cf. BULTMANN, R. *Das Evangelium des Johannes*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1952, pp. 406-415). Eis uma outra proposta: 15,1-6: *La vigne et les sarments*; 15,7-17: *La condition du disciple parfait*. Ele sugere, ademais, a composição de Jo 15,1-6, sendo 1-2 e 5-6 “*logia joanniques*” que João II-B teria reutilizado e elaborado a composição de 1-6. Brown sugere que a unidade 15,1-17, pode ser subdividida em 1-6: “figura da videira e dos ramos” e 7-17: “explicação da figura no contexto do tema Discurso final” (cf. BOISMARD, M. –É; LAMOVILLE, A. *L’Évangile de Jean: Synopse des Quatre Évangiles en Français*. Paris: Cerf, 1977, p. 367; cf. também BROWN, R.E. *The Gospel according to John*. New York: Doubleday & Company, 1970, p. 665); Schnackenburg individua a grande unidade 15,1–16,4, que teria por sua vez o bloco 15,1-17, cuja subdivisão seria 1-11 e 12-17 (cf. SCHNACKENBURG, R. *El Evangelio según San Juan*. Salamanca: Herder, 1980, p. 129). Mazzarollo considera 15,1-10: “unidade como condição para produzir fruto”, que ele chama de “parábola da videira” (cf. MAZZAROLLO, I. *Nem aquí, nem em Jerusalém*. Rio de Janeiro: Mazzarollo, 2001, p. 176).

²⁶² Cf. BROWN, R.E. *The Gospel according to John*. Doubleday & Company, 1970, p. 668. No gênero *מָשָׁל* estão contidas todas as comparações, parábolas e aplicações alegóricas. Nesta perícópe é claro o caráter alegórico de alguns elementos: videira, agricultor, ramos; mas nem todos! Cf. BULTMANN, R. *Das Evangelium des Johannes*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1952, pp. 406-407; para este autor não é nem parábola nem alegoria, mas se trata de revelação. No mesmo veio de reflexão de Bultmann, e em dependência dele, está Eduard Schweizer, que retém que a afirmação “eu sou” de 15,1 é “qualificação normal na categoria de linguagem direta e

daquilo que é real em contraste com aquilo que se deseja [...], de forçar o ouvinte ou o leitor a fazer um juízo de si mesmo, de sua situação ou de sua conduta”²⁶³; neste sentido o que se entende aqui por *mashal* está bem sintonizada com o que é entendido por Léon-Dufour por “símbolo” que “não se deve identificar com a alegoria, pois no símbolo a realidade é anterior à ideia”; enquanto que “a alegoria expressa uma ideia em forma de imagem”²⁶⁴.

A perícopes seguinte inicia tratando do amor de Jesus com o Pai como lugar e modelo do amor dos discípulos entre si. Cessa a linguagem metafórica: videira, agricultor, ramos, frutos. A linguagem de Jo 15,9-10 é dirigida à realidade; funciona como “ponte entre 15,1-8 e 15,11-17”²⁶⁵. A linguagem é agora de amar, permanecer no amor, guardar os mandamentos. O fim da perícopes da videira no v. 8 se dá com o repouso suave e conclusivo do raciocínio; as imagens agrícolas indicadas são decifradas e cumprem plenamente seu ciclo, quando o resultado desejado é alcançado: a videira, que tem os ramos produtivos, corresponde a Jesus com “os seus” que se tornaram discípulos e assim glorificam o Pai; o agricultor que se satisfaz com a colheita dos frutos é o Pai que é glorificado com o “permanecer” e as atitudes dos discípulos de seu Filho; os ramos não correm o risco de serem cortados, pois, permanecendo em Jesus,

definida, a qual define tudo mais além de Jesus em segundo lugar. Toda videira que conhecemos sobre a terra não é videira real, mas somente em comparação com Jesus” (SCHWEIZER, E. What about the Johannine “Parables”? In: CULPEPPER, R.A. and BLACK, C.C. *Exploring the Gospel of John*. Louisville: Westminster John Knox Press, p. 209). Para alargar a compreensão, atentemos a autores que refletem sobre o fenômeno da linguagem. Ricoeur diz que “a metáfora é mais do que uma figura de estilo, mas contém uma *inovação semântica*; que a metáfora inclui uma dimensão denotativa ou referencial, a saber, o poder de *redefinir a realidade*” (RICOEUR, P. *A hermenêutica Bíblica*. São Paulo: Loyola, 2006, p. 168). “A metáfora aparece como uma resposta a certa inconsistência do enunciado interpretado literalmente. Podemos chamar essa inconsistência de ‘impertinência semântica’” (p. 170). É um erro “identificar o *mashal* da literatura hebraica com a parabolé da retórica grega [...]”. O *mashal* hebraico liga diretamente a significação do que é dito com a disposição correspondente na esfera da existência humana” (p. 181). Umberto Eco, por sua vez, afirma que “para interpretar metaforicamente um enunciado, o destinatário deve reconhecer sua absurdidade se ele fosse entendido em sentido literal, teríamos um caso de anomalia semântica...”; diz também: “é típico das alegorias suportar uma leitura literal” (ECO, U. *Os limites da interpretação*. São Paulo: Perspectiva, 1995, p. 115). Estas perspectivas de Ricoeur e Eco esclarecem o caráter metafórico da perícopes da videira e o encaminhamento de entendimento dela. Portanto, acolhendo a justa observação de Bultmann e Schweizer, optamos por nos referir ao texto como *mashal*, como proposto por Brown, levando em conta as reflexões de Ricoeur e Eco sobre a metáfora.

²⁶³ HAMILTON, V.P. *Mashal*. In: HARRIS, R.L.; ARCHER Jr., G.L.; WALTKE, B.K. (orgs.). *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1998, p. 890.

²⁶⁴ LÉON-DUFOUR, X. *Diccionario del Nuevo Testamento*. Bilbao: Desclée De Brouwer, 2002, pp. 543-544. 117.

²⁶⁵ BLANK, J. *O Evangelho segundo João*. Petrópolis: Vozes, 1988, p. 146.

produzem frutos abundantes, tornam-se discípulos e nas suas atitudes glorificam o Pai.

Ademais, há marcas textuais que indicam a mudança do assunto.

- a) Vocabulário: A perícopes 15,1-8 está construída sobre as imagens agrícolas ligadas ao cultivo da vinha: videira, agricultor, ramos, poda, corte, frutos. Este vocabulário cessa no v. 9, onde aparecem novos conceitos²⁶⁶. O foco da perícopes seguinte (15,9-17) é o mandamento do amor recíproco, caracterizada pela raiz ἀγάπ, verbos e substantivos: um total de cinco vezes as formas verbais e quatro vezes o substantivo. Nota-se a presença de elementos novos.
- b) Quanto à organização do texto: Há uma clara inclusão de elementos que molduram a perícopes (ὁ πατήρ μου v. 1a ev. 8a). O texto mostra também uma correspondência interna do assunto tratado, como será demonstrado abaixo, não exigindo nenhum dos versículos que seguem para sua compreensão, demonstrando ser uma unidade comunicativa estruturada e harmônica.
- c) Quanto à sintaxe: Nosso texto possui uma concentração de períodos hipotéticos: 4d, 4f, 6a,7a. A prótase possui a mesma estrutura comunicativa:
 - 4d: prótase: ἐὰν μὴ μένῃ ἐν τῇ ἀμπέλῳ.
 - 4f: prótase: ἐὰν μὴ ἐν ἐμοὶ μένητε.
 - 6a: prótase: ἐὰν μὴ τις μένῃ ἐν ἐμοί.
 - 7a: prótase: ἐὰν μείνητε ἐν ἐμοί.

A única condição colocada é permanecer “ἐν ἐμοί” (ou “ἐν τῇ ἀμπέλῳ”). A perícopes seguinte está intimamente ligada a esta, mas já é outro o seu horizonte, onde são necessários passos ulteriores, como “permanecer no amor”, “guardar os mandamentos”, amar-se reciprocamente. Na perícopes da videira, o tom de relação direta com Jesus se dá pelas seis recorrências de ἐν ἐμοί, sendo que cinco destas acompanhadas do verbo μένω formando um sintagma que reforça ainda mais a ideia relacional. No v. 9 ainda encontramos o sintagma “permanecer em”, mas já não se trata mais de permanecer em Jesus (ἐν ἐμοί), mas no seu amor. Ademais, nesta perícopes a construção dos períodos hipotéticos mostra outro foco teológico, com tom voltado para a práxis do discípulo e não para sua gênese como tal.

²⁶⁶ Em Jo 15,16 reaparece a exortação a produzir frutos: καρπὸν φέρητε καὶ ὁ καρπὸς ὑμῶν μένη.

10a: ἐὰν τὰς ἐντολάς μου τηρήσητε, μείνειτε ἐν τῇ ἀγάπῃ μου,

14b: ἐὰν ποιῇτε ἃ ἐγὼ ἐντέλλομαι ὑμῖν.

Em 12b e 17b aparece o pronome reflexivo ἀλλήλους, indicando já o vínculo dos discípulos entre si (ἀγαπᾶτε ἀλλήλους.). Este também é um passo que se depreende do vínculo primário com Jesus.

4.1.3. Organização literária

A tessitura do texto mostra que foi meticulosamente pensada pelo autor. Os detalhes destacados, as referências internas na perícopes e no conjunto do livro, mostram a genialidade de quem o compôs. Resta então analisar os contatos dentro da perícopes.

A unidade dos vv. 1-8 está bem definida e amarrada. Basta ver que não há saltos de um versículo para o seguinte. O sujeito do v. 2 (αἴρει e καθαίρει) é o Pai do v. 1. O v. 3 é uma explicação da ação de 2d. Os agentes do v. 4 são os mesmos do v. 3: Jesus e os discípulos (v. 3 ὑμεῖς, λελάληκα, ὑμῖν ; v. 4 μείνατε, ἐν ἐμοί, καὶ γὰρ, ἐν ὑμῖν, ὑμεῖς, ἐν ἐμοί, μένητε.). O v. 4 e o v. 5 mantêm a relação de Jesus e os discípulos; inicialmente com a metáfora, que chega ao máximo na identificação dos discípulos com os ramos e segue a aplicação real da metáfora. Os dois versículos centrais apresentam inclusões que ligam a metáfora do ramo à realidade dos discípulos: 4c τὸ κλημα οὐ δύναται / 5f οὐ δύνασθε; 4c ἀφ' ἑαυτοῦ / 5e χωρὶς ἐμοῦ. O v. 6a retoma a afirmação de 5e: χωρὶς ἐμοῦ οὐ δύνασθε ποιεῖν οὐδέν; é retomado como ἐὰν μή τις μένη ἐν ἐμοί. O v. 7 começa com ἐὰν μείνητε ἐν ἐμοί e infere o positivo a partir desta condição contrária de 6a. O v. 7 se liga ao v. 8 pelo tom positivo em torno dos discípulos: porque permanecem em Jesus, seus pedidos são atendidos, produzem frutos ao tornarem-se discípulos. Ademais, é de se admitir que o ἐν τούτῳ do v. 8 gera uma quebra, justamente estabelecendo a função de sintagma que retoma o conjunto da perícopes e a conclui. Esse mesmo fato ocorre em 1Jo 3,10 que conclui a perícopes 2,29–3,10²⁶⁷.

²⁶⁷ Cf. GIURISATO, G. Struttura e messaggio di Gv 15,1-8. *SPat* 50, 2003, p. 702.

A perícopé é composta de duas frases de autorrevelação: Ἐγὼ εἰμι ἡ ἄμπελος ἡ ἀληθινή (1a) e ἐγὼ εἰμι ἡ ἄμπελος (5a). Há uma clara indicação: 5a está no centro da perícopé (15 frases antes e 16 depois!).

O *mashal* da videira possui um movimento muito próximo da perícopé do “bom pastor” (Jo 10,11-18). Nela também é repetida a fórmula de revelação em dois lugares estratégicos da perícopé: Ἐγὼ εἰμι ὁ ποιμὴν ὁ καλός (v. 11a e v. 14a). O pastor é denominado ὁ καλός, como a videira é dita ἡ ἀληθινή. Esta estratégia funciona como um empuxo no ouvido de quem escuta a proclamação. Há uma chamada de atenção.

O v. 1 forma com o v. 8 uma inclusão, sobretudo na referência que foi feita anteriormente ao v. 5. No v. 1, encontra-se a autorrevelação de Jesus e a identificação do Pai (β α). No v. 5 novamente a autorrevelação de Jesus e a identificação dos discípulos (β γ); no v. 8 encontramos os três: α β γ. A sequência das letras dá a prioridade ao Pai, como a própria perícopé o faz, onde tudo se encaminha para a glorificação dele.

v. 1ab: β ἐγὼ εἰμί	α ὁ πατήρ μου.
v. 5ab: β ἐγὼ εἰμί	γ υἱοί
v. 8abc: α ὁ πατήρ μου,	β ἐμοὶ γμαθηταί.

O v. 2 está estreitamente unido ao v. 6. O anúncio de que πᾶν κλῆμα ἐν ἐμοὶ μὴ φέρων καρπὸν αἵρει αὐτό, é plasticamente demonstrado no v. 6 com a sequência dos cinco verbos que funcionam como uma explicação do αἵρει. Esta relação serve para esclarecer que a frase final 2e ἵνα καρπὸν πλείονα φέρῃ, não está ligada a este primeiro período, mas somente ao seguinte (2cd). Não está correto afirmar que assim como o corte de alguns galhos é benéfico para a videira, seria necessário fazê-lo também em nível real. Não estamos diante de uma alegoria pura e simples. Há limites nas metáforas, e este é um deles. Por isso esta pesquisa, acompanhando Brown, prefere o gênero literário mais abrangente do מִשְׁלָּה hebraico²⁶⁸, como foi indicado anteriormente.

O v. 3 contém alguns elementos que o ligam ao v. 7. Antes de tudo o tom positivo, bem diferente do que os precedentes. A ponte entre eles está na

²⁶⁸ RICOEUR, P. *A Hermenêutica Bíblica*. São Paulo: Loyola, 2006, p. 181: “O *Mashal* hebraico liga diretamente a significação do que é dito com a disposição correspondente na esfera da existência humana”.

“palavra” dita por Jesus (τὸν λόγον ὃν λελάληκα ὑμῖν) e na palavra de Jesus acolhida pelos discípulos e tornada própria (τὰ ῥήματά μου ἐν ὑμῖν). O v. 3 é uma explicação do enunciado metafórico de 2d, no nível real de como se torna “limpo”. Enquanto o v. 6 foi generoso no uso de verbos metafóricos para descrever a retirada do ramo, o v. 7, por sua vez, usa exclusivamente a linguagem real. Toda a força do pedido vem da “imanência recíproca”: os discípulos em Jesus e as palavras (τὰ ῥήματά) de Jesus nos discípulos.

O v. 4 é uma preparação próxima para a afirmação de 5ab. Em 4cd há um período hipotético que expressa em linguagem metafórica a indispensável ligação do ramo com a videira. Em seguida passa, então, em 4ef à linguagem real e direta para a necessidade dos discípulos permanecerem em Jesus. Logo em seguida vem em 5ab a revelação de Jesus e identificação dos discípulos com os ramos. O que é dito em metáfora em 4c, quando afirma que τὸ κλῆμα οὐ δύναται καρπὸν φέρειν ἂφ’ ἑαυτοῦ, é reforçado em 5f χωρὶς ἐμοῦ οὐ δύνασθε ποιεῖν οὐδέν.

Há uma tríplice repetição da fórmula da imanência recíproca²⁶⁹ (4ab, 5cd, 7ab) que fere o ouvido na proclamação e dá o tom teológico da perícope:

4ab: μέινετε ἐν ἐμοί, καὶ γὰρ ἐν ὑμῖν.

5cd: ὁ μένων ἐν ἐμοὶ καὶ γὰρ ἐν αὐτῷ.

7ab: ἔαν μείνητε ἐν ἐμοὶ καὶ τὰ ῥήματά μου ἐν ὑμῖν μείνη.

4.1.4.

Contexto literário-teológico do *mashal* da videira.

A compreensão do *mashal* da videira dependerá muito do pressuposto das fontes do EvJo. Entre a arrojada e novidadeira solução dada na relação com escritos exotéricos e gnósticos e a dependência do AT, hoje a balança pende consideravelmente para a fonte vétero-testamentária²⁷⁰. O emprego da metáfora de

²⁶⁹ BOISMARD, M.-É.; LAMOVILLE, A. *L'Évangile de Jean*. Paris: Cerf, 1977, p. 338.

²⁷⁰ BLANK, J. *O Evangelho segundo João*. Petrópolis: Vozes, 1988, pp. 140-141 “O emprego da metáfora de Jo 15,1ss pode derivar-se claramente do AT, na medida em que não está condicionada pelo uso peculiar de Jo”. Ou seja, não foi João que criou a imagem; muito embora haja inconfundíveis toques joaninos: “verdadeira”; “limpos por causa da palavra”; “o ramo por si mesmo não pode produzir fruto”. “As palavras ‘Eu sou a videira verdadeira’ devem ser entendidas, antes de tudo, como discurso de revelação cristológica”. “Para a inteligência do texto é fundamental o problema da significação da metáfora ‘videira’. De qual tradição é e o que João quis expressar com esta metáfora?”. É forte a tradição vétero-testamentária: Is 5,1-7; Jr 2,21; Ez 15,1-8; 19,10-14; Sl 80,9-15. Outra tradição que pode estar a cavalo entre o emprego metafórico do AT e o uso figurado de João é a parábola dos maus vinhateiros de Mc 12,1-12. Ali Jesus não se

Jo 15,1-8 pode derivar-se claramente do AT, na medida em que não está condicionada pelo uso peculiar do EvJo²⁷¹. Se for assim, como parece bastante plausível, esta perícopa é de fácil compreensão para o ouvinte-leitor que tem presente a si os textos do AT sobre a vinha e a videira.

A concentração da imagem está nos profetas. O canto de Is 5,1-7 diz que “a vinha²⁷² do Senhor dos Exércitos é a casa de Israel” (v. 7), a qual “ele esperava que produzisse uvas boas, mas deu uvas bravas”. O juízo sobre a vinha será a retirada da sebe, do muro, para que se torne deserta (v. 5-6). Encontra-se aqui indicada a pertença da vinha ao Senhor, sua expectativa pelas boas uvas e o juízo, porque em vez das boas uvas foram encontradas uvas bravas. Não se fala aqui da improdutividade da vinha, mas da natureza ruim dos seus frutos.

O texto de Jr 2,21, na versão dos LXX, demonstra vários contatos com nosso texto: “ἐγὼ δὲ ἐφύτευσά σε ἄμπελον²⁷³ καρποφόρον πᾶσαν ἀληθινὴν πῶς ἐστράφης εἰς πικρίαν ἢ ἄμπελος ἢ ἀλλοτρία”. Também aqui a videira é a casa de Israel (Jr 2,26). As “uvas bravas” são a idolatria: “teus deuses, ó Judá, são tantas as tuas cidades” (Jr 2,28). Aqui indica que a videira mudou sua natureza: de “πᾶσαν ἀληθινὴν” passou a “ἀλλοτρία”; isso se deu da passagem do tempo da fidelidade para a infidelidade ao Senhor. Essa infidelidade é pela idolatria e pelas alianças comprometedoras com o Egito e a Assíria (Jr 2,36). Os responsáveis por isso são, antes de tudo, os chefes: “os seus reis, os seus príncipes, e os seus sacerdotes, e os seus profetas” (Jr 2,26).

Ez 15,1-8 fala do “sarmento de videira²⁷⁴”, que são “os habitantes de Jerusalém” (v. 6). Ezequiel acrescenta como instrumento do juízo, o fogo, elemento presente também na perícopa joanina. A motivação do juízo são “as

identifica com a videira, mas há já o tom cristológico. Isso não exclui que fosse bastante presente em todo o Oriente a alegoria da vinha (cf. BEHM, J. ἄμπελος. In: KITTEL, R. (org.). *GLNT*. Brescia: Paideia, 1965. V. 1. col. 927-928). Bultmann, por outro lado, defende a ideia de que a “videira” aqui deve referir-se ao mito da árvore da vida, tendo como apoio os textos mandeos. Cf. BULTMANN, R. *Das Evangelium des Johannes*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1952, p. 407.

²⁷¹ Cf. SCHNACKENBURG, R. *El Evangelio segun San Juan*. Salamanca: Herder, 1980, p. 152: “Muitas ideias e imagens do AT, na maioria das vezes em forma ulteriormente meditada e teologicamente desenvolvida, confluíram no Evangelho de João e foram colocadas a serviço da teologia joanina; sem o fundamento e apoio do AT é incompreensível este evangelho.” Se Bultmann havia feito pesar a balança do lado do gnosticismo, com Dodd e Barrett a balança pesa do lado do judeu-palestino e judeu-helenista.

²⁷² TM: כֶּרֶם ; LXX: ἄμπελόν.

²⁷³ TM: כֶּרֶם.

²⁷⁴ TM: יִשְׁרָאֵל; LXX: τὸ ξύλον τῆς ἀμπέλου.

graves transgressões” (v. 8). Ez 19, 10-14 fala também da “mãe” do “leãozinho”, referindo-se à Jerusalém e ao rei; fala dela como “videira²⁷⁵ plantada” que “foi arrancada com furor e jogada por terra” (v. 12). Aqui não se trata da ação do Senhor, mas da Babilônia, o que não muda muito, dado que este Império é o instrumento do juízo do Senhor: “vou entregar-te nas mãos deles” (Ez 16,39).

Oseias 10,1 se refere a Israel como “videira luxuriante”²⁷⁶, referindo-se à sua idolatria, expressão da infidelidade ao seu único esposo, o Senhor. A metáfora dos esposais do Senhor/esposo com Israel/esposa é carro chefe da profecia de Oseias.

A constante nos profetas é a gratuita ação de Deus no plantio e no cuidado com a vinha/Israel, e a resposta desproporcionada como uma frustração para o Senhor que esperava outro resultado. Disto segue o juízo que, de modo geral, se trata do abandono da vinha.

Também no Sl 80,9-15 encontramos Israel como “vinha”²⁷⁷ tirada do Egito e plantada na terra da promessa. O salmista retoma a história da salvação, desde a origem de Israel como povo, até sua provação no exílio. Não é apresentado nenhum motivo para que lhe tenham sido derribadas as cercas (v. 13) e estejam “queimadas” (v. 16); ele somente suplica: “vivifica-nos” (וְחַיֵּנוּ v. 19).

A referência a Israel como vinha/videira se refaz a uma tradição muito antiga entre os profetas, de qualquer maneira é pré-exílica. Os profetas não usam o mesmo termo para falar da vinha/videira. O contexto, porém, permite observar uma grande unidade semântica, mesmo se não morfológica. Ezequiel e o saltério fazem ecoar esta tradição em período exílico. Conclui-se que aqui se está diante de um modo tradicional de referir-se à relação de Israel com o seu Deus.

4.2.

Análise do texto como sistema morfossintático e sua semântica

Neste ponto, a análise estará atenta a uma leitura contínua do texto, a partir de cada período sintático, respeitando a ordem apresentada pelo texto.

²⁷⁵ TM: יָבֵט; LXX: ἄμπελος.

²⁷⁶ TM: רָבִיבָהּ יָבֵט; LXX: ἄμπελος ἐκκληματοῦσα.

²⁷⁷ TM: יָבֵט; LXX: ἄμπελος.

4.2.1.

Autorrevelação e revelação do Pai

- 1a Ἐγὼ εἰμι ἡ ἄμπελος ἡ ἀληθινὴ
1b καὶ ὁ πατήρ μου ὁ γεωργὸς ἐστίν.

A perícope abre com duas metáforas: uma de autorrevelação de Jesus (Ἐγὼ εἰμι ἡ ἄμπελος ἡ ἀληθινὴ) e outra de afirmação sobre a identidade do Pai (ὁ πατήρ μου ὁ γεωργὸς ἐστίν). Nas duas orações coordenadas é de notar a inversão do verbo e predicado: εἰμι ἡ ἄμπελος / ὁ γεωργὸς ἐστίν. Este e outros elementos mostram a acuidade com a qual o autor tece a perícope.

Encontramos na primeira oração (1a) uma afirmação que o sujeito faz de si mesmo, só que o predicado é uma metáfora, até agora desconhecida no texto do Evangelho. Ao substantivo ἡ ἄμπελος é somado o adjetivo ἡ ἀληθινὴ que o qualifica, distinguido-o²⁷⁸. Na segunda oração (1b), ligada à primeira pelo conectivo aditivo καί, temos um novo sujeito ὁ πατήρ, que possui relação expressa com o sujeito da primeira oração, indicada pelo pronome μου. Dele também é feita uma afirmação descritiva e metafórica: ὁ γεωργὸς ἐστίν.

a) Jesus: a videira verdadeira

A qual passagem do AT estaria o EvJo se referindo? Nenhuma é citada, embora o Sl 79, 15-16 (LXX) dê a possibilidade de interpretar a vinha como identificada ao “filho do homem” o que poderia ser a raiz da interpretação joanina da videira de Jo 15,1-8²⁷⁹. De qualquer forma é próprio do EvJo a liberdade nas citações do AT. Pode-se afirmar que o *mashal* joanino tem como ambiente vital o uso feito pelo AT.

Na passagem para o Novo Testamento, porém, era de se esperar que agora fosse a Igreja a vinha ou videira²⁸⁰. Mas não é assim. Jesus é a videira! Sendo

²⁷⁸ RICOEUR, P. *A hermenêutica Bíblica*. São Paulo: Loyola, 2006, p. 178: “A mesma tensão encontra-se no verbo ‘ser’ nos enunciados metafóricos. O ‘é’ é ao mesmo tempo um ‘não é’ e um ‘é como’ metafórico. A ambiguidade e o desdobramento são, pois, estendidos do sentido à referência e, através dessa última, ao ‘é’ da verdade metafórica. A linguagem poética não diz literalmente o que as coisas são, mas a que elas são semelhantes; dessa maneira oblíqua diz o que elas são”.

²⁷⁹ Cf. BROWN, R.E. *A Comunidade do Discípulo Amado*. São Paulo: Paulinas, 1981, p. 108.

²⁸⁰ Realmente chama a atenção o fato de o EvJo não identificar a videira com a comunidade dos discípulos, contrapondo a Israel no AT. Mas isso é uma característica de João, ele substitui “o

inegáveis os elementos de continuidade entre o AT e NT quanto à eclesiologia, há uma novidade que instaura descontinuidade: Jesus, o Filho enviado pelo Pai. O fundo vétero-testamentário não resolve todas as questões. A resposta dará pela concepção cristológica do conjunto da obra do EvJo. “Jesus é o verdadeiro Israel, perfeitamente fiel a Deus”²⁸¹.

O *mashal* da videira mostra a virada eclesiológica. A videira não pode ser mais abandonada, jamais ficará deserta, arrancada ou queimada. Esta é a videira ἡ ἀληθινή, ou divina. Com a imagem joanina da videira, Jesus se coloca no lugar que até então ocupava o povo de Israel. “É difícil que Jesus se autodefinia a verdadeira videira, a única digna de tal nome, somente para diferenciar-se da videira em sentido material. Mais provável é que ele entenda contrapor-se a outras figuras, às quais a imagem da videira era já aplicada”²⁸². Esta perspectiva está de acordo com a teologia joanina, pois para João, com a vinda de Jesus chegou o fim do culto no templo israelita, o fim da comunidade cultural pertencente a este templo²⁸³. O povo de Israel, não é suplantado pela comunidade cristã, mas por Jesus mesmo; ele ocupa o lugar de Israel, como Filho e revelador de Deus. “Assim a imagem da videira começa por experimentar uma concentração cristológica como requisito para a ampliação eclesiológica, que aparece depois”²⁸⁴. Quem quiser ser a vinha do Senhor deverá permanecer em Cristo.

Ao lado do elemento comunitário entra o indivíduo, antes de tudo o próprio Jesus Cristo, a videira; entra também o ramo que se ligará à videira. Este é um princípio eclesiológico novo: a tensão entre o todo e os membros. Não se trata, porém, de considerar o indivíduo atomizado, mas na sua relação com a videira/Jesus e os ramos/discípulos; o que não permite liberar ninguém da

Reino de Deus é como...” por “Eu sou...” (cf. *Ibidem*, 670). Sobre a relação da vinha e da videira, encontra-se o testemunho de Taciano que traz esta variante. Também muitas versões etiópicas e um manuscrito (J) da Vulgata. Também em alguns padres da Igreja encontramos esta variante. Em suma é uma variante mais atestada que o aparato da Nestle-Alland indique. “É melhor pensar que Taciano tenha harmonizado o texto joanino com outros textos do evangelho [...] ou que tenha querido introduzir no texto joanino um tema mais conforme aquele do AT” (BOISMARD, M.-É; LAMOVILLE, A. *L'Évangile de Jean: Synopse des Quatre Évangiles en Français*. Paris: Cerf, 1977, p. 366). Taciano fez a concordância na letra, que o próprio autor pretendia no horizonte da história da revelação.

²⁸¹ BOISMARD, M.-É; LAMOVILLE, A. *L'Évangile de Jean: Synopse des Quatre Évangiles en Français*. Paris: Cerf, 1977, p. 369.

²⁸² BEHM, J. ἄμπελος. In: KITTEL, R. (org.). *GLNT*. Brescia: Paideia, 1965. V. 1. col. 925-926.

²⁸³ Cf. 2,13-22; 4,21-26; 8,31-59.

²⁸⁴ BLANK, J. *O Evangelho segundo João*. Petrópolis: Vozes, 1988, p. 142.

comprometedora resposta dada ao convite a permanecer na videira, aderir-se vital e permanentemente a Jesus.

O adjetivo ἀληθινή além da concepção primeira e óbvia de verdadeira, autêntica, possui o significado específico de “divino”, em contraposição à realidade humana e terrestre e mais precisamente enquanto contém em si a ἀλήθεια, ou seja, é fonte de revelação²⁸⁵. Há uma equivalência entre τὸ φῶς τὸ ἀληθινόν de Jo 1,9 e 1Jo 2,8 com o τὸ φῶς τῆς ζωῆς de Jo 8,12; ἡ ἄμπελος ἡ ἀληθινή é, substancialmente, a mesma coisa de ὁ ἄρτος τῆς ζωῆς de 6,35.48²⁸⁶. O adjetivo ἀληθινή dá o tom neotestamentário ao *mashal* da videira. A videira é verdadeira porque Jesus é a Verdade.

A reviravolta eclesiológica, identificando Jesus mesmo com a videira, cria outra mudança. É forçoso admitir que a pertença do indivíduo ao todo, no caso sua ligação com a comunidade dos que creem que Jesus é o Cristo o Filho de Deus, fica determinada pela sua relação pessoal com Jesus. O que se quer dizer é que a ontologia do discípulo se determina não por uma ação sua, mas pela dependência de um Outro, da videira/Jesus. A videira não é a soma dos ramos. A comunidade de fé não é, antes de tudo, uma fraternidade. Há sempre Um na comunidade que a precede e recebe os que aceitam permanecer nele; com ele e nele os ramos se tornam a “videira verdadeira”.

O conjunto desta perícopé exprime, em primeiro lugar, a íntima união fundada sobre a absoluta dependência dos discípulos com Jesus e a união que eles devem manter se quiserem produzir fruto (vv. 4-5.7-8); em segundo lugar, exprime o cuidado que o Pai tem com a comunidade dos discípulos (vv. 1-3), incluindo o juízo duro sobre aqueles que não permacecem em Jesus (vv. 2.6)

²⁸⁵ Cf. BLANK, J. *O Evangelho segundo João*. Petrópolis: Vozes, 1988, p. 141 “Verdadeira” não deve ser entendida como contrapondo-se a outras que teriam a mesma pretensão, mas na sua relação com aquele que é a “verdade”. Bussche, por sua vez assevera que “na presente alegoria, se há toda razão de ver, na insistência sobre a veracidade da videira, uma oposição com a vinha do Senhor no Antigo Testamento, o povo de Israel”, BUSSCHE, H. La vigne et ses fruits. Jn 15,1-8. *BivChr* n. 26, 1959, p. 12.

²⁸⁶ Cf. BULTMANN, R. ἀλήθεια. In: KITTEL, R. (org.). *GLNT*. Brescia: Paideia, 1965. V. 1. col. 673.

b) A revelação do Pai como agricultor: o que cuida da videira.

Esta função do Pai é nova para o ouvinte-leitor das Escrituras²⁸⁷. Ele é o γεωργός, o agricultor, o que cuida. Esta função está ligada ao campo: tanto à agricultura, que é mais comum, quanto ao pastoreio (cf. Jr 38,24). Nem no AT nem no NT, Deus tem esta função²⁸⁸; encontra-se a função de plantar (Is 5,1-4; Jr 2,21 e mais dezenas de vezes). A apresentação do agricultor sendo o Pai é também autorrevelação de Jesus. Segundo o EvJo Jesus é antes de tudo ὁ υἱός.²⁸⁹ Aqui está indicada sua missão e sua autoridade como testemunha da verdade.

Na parábola da vinha narrada nos sinóticos (cf. Mc 12,1-12 e par.), Deus é o dono da vinha que é arrendada aos agricultores, não cultivando pessoalmente a vinha. Nesta perícopes, a videira está sob sua guarda direta; pelas suas ações indicadas no v. 2, ele é o senhor da videira, tem autoridade de cortar e de podar. Os frutos são para ele, para agradá-lo.

Na perícopes em estudo, os versículos nos quais aparece o Pai, Jesus fica em segundo plano. O movimento da perícopes chama a atenção do ouvinte-leitor para o Pai, que está no início como o agricultor que cultiva e ao final como o proprietário da vinha que espera os frutos, sua glorificação. A expectativa liga nossa perícopes à tradição vétero-testamentária, particularmente a Isaías e Jeremias, onde se esperava uvas boas.

Antes de tudo, apresentar ὁ πατήρ μου como ὁ γεωργός indica dar-lhe uma função extrínseca ao dinamismo do processo imanente da videira. Mesmo que nossa perícopes não se trate propriamente de uma alegoria – como foi esclarecido

²⁸⁷ BARRETT, C.K. *The Gospel according to John*. Introduction with Commentary and Notes on the Greek Text. 2. ed. London: SPCK, 1978, p. 471: “Um leitor helenista do Evangelho encontraria a figura de Deus como γεωργός bem familiar”.

²⁸⁸ Recorre 19 vezes no NT, 16 vezes nos sinóticos, na parábola da vinha (Mc 12 e par.), na qual os agricultores são os chefes do povo; 2Tm 2,6 fala dos sacrifícios para gozar dos frutos; e Tg 5,7. Em Tg a paciência do cristão deve ser como a do agricultor, cheia de perseverança. Somente em Jo 15,1 refere-se ao Pai. Na LXX ocorre nove vezes. Gn 9,20 : Noé é o agricultor; Gn 49,15: referindo-se à função de Issacar na Terra Prometida; Sb 17,16: referindo-se a uma ocupação dos “iníquos”, não judeus; Am 5,16: o agricultor será chamado para chorar, diante do juízo contra os israelitas; Jl 1,11: também os agricultores lamentam a devastação do país; Jr 14,4: o desespero dos agricultores por causa da seca; Jr 28,23 (TM 51,23): também o agricultor está destinado ao juízo contra a Babilônia; Jr 38,24 (TM 31,24): fala da boa sorte para Israel e dele gozará também o agricultor; Jr 52,16: dentre os remanescentes na terra ficam os agricultores.

²⁸⁹ Filho de Deus: Jo 1,34.49; 3,18; 5,25; 10,36; 11,4.27; 19,7; 20,31; Filho do Homem: 1,51; 3,13.14; 5,27; 6,27.53.62; 8,28; 9,35; 12,23. 34 (duas vezes); 13,31; Filho: 3,35.36 (duas vezes); 5,19 (duas vezes).20.21.22.23 (duas vezes).26; 6,40; 8,35.36; 12,36; 14,13; 17,1.2. Sobre tudo neste absoluto ὁ υἱός, além da chave cristológica, sendo Jesus totalmente relacionado ao Pai, lança grande luz para entender relacional do discípulo que só existe ‘a partir’ e ‘na permanência em’.

acima –, há um nível alegórico que dialoga com o real no andamento da perícope. O agricultor estará sempre observando o desenvolvimento produtivo dos ramos. Isso é indicado pelo desfecho da perícope, em que o discípulo deve glorificar o Pai, em linguagem metafórica, deve produzir frutos para a satisfação do investimento do agricultor. O ouvinte-leitor nota, pelo conjunto da perícope, que aquilo que o Pai/agricultor espera é que quem se aproxima de Jesus/videira defina toda sua existência por esta relação, o que indica permanecer nele. Os frutos, que em outro lugar serão indicados, são consequência do permanecer nele. Querer permanecer e não produzir fruto é uma mentira; pode até ser afirmada a possibilidade, mas não é real; todo que permanece produz fruto e quem não produz fruto é porque verdadeiramente não está permanecendo.

4.2.2.

Ações do agricultor

- 2a πᾶν κλῆμα ἐν ἐμοὶ μὴ φέρον καρπὸν
 2b ἄρει αὐτό,
 2c καὶ πᾶν τὸ καρπὸν φέρον
 2d καθαίρει αὐτὸ
 2e ἵνα καρπὸν πλείονα φέρῃ.

O v. 2 é composto por dois períodos antitéticos: πᾶν κλῆμα ἐν ἐμοὶ μὴ φέρον καρπὸν / πᾶν (“κλῆμα” – deixado por elipse) τὸ καρπὸν φέρον. Os segmentos 2b e 2d são as orações principais dos períodos. Os dois períodos estão bem articulados. Nota-se como o autor usou o anacoluto, antecipando o objeto ao sujeito e ao verbo, sendo que o sujeito está subentendido no contexto, para assim destacá-lo nas duas frases²⁹⁰. Os dois períodos são apuradamente construídos: ambos iniciam com πᾶν / καὶ πᾶν e terminam com o pronome αὐτό²⁹¹; seguem condições opostas μὴ φέρον καρπὸν/ καρπὸν φέρον (como no v. 1, observa-se a inversão verbo e substantivo/ substantivo e verbo). Os verbos que regem os

²⁹⁰ Cf. BLASS, F; DEBRUNNER, A. *Grammatica del Greco del Nuovo Testamento*. Brescia: Paideia, 1997, §466,3 “Singular é o fenômeno do anacoluto depois de πᾶς, no qual um uso linguístico semita deu uma marca decisiva à tendência da língua popular”. Influxo semítico na sintaxe: na qual se antecipa a frase com πᾶν (*casus pendens*), e depois volta ao pronome pessoal.

²⁹¹ Este é o claro fenômeno da *symploke*, em que há palavras iguais em paralelismo no início e no fim de cada membro (cf. *Ibidem*, §489).

períodos principais ferem o ouvido pela similitude de som: αἵρει/ καθαίρει²⁹². Estas duas ações são também antitéticas.

A frase final (2e) desequilibra a harmonia das antíteses. Inicialmente parece haver ambiguidade sintática, não sendo claro se a finalidade é somente do ramo limpo ou se também da retirada dos ramos que não produzem fruto. Mas o fato de a ação do agricultor não ser para que a videira dê mais fruto, mas para que os ramos deem mais frutos, fica claro que dos que são retirados não é de esperar nenhuma produção; aliás, dever-se-á aguardar o v. 6 para descrição do que acontece aos ramos que não produzem frutos na videira/Jesus.

O agricultor tem a função de “retirar” o ramo que em Jesus não produz fruto²⁹³. A alegoria não é perfeita, pois um ramo poderia ser plantado novamente. Esse *mashal* joanino exclui esta possibilidade. Antes de este produzir fruto ser uma ação, ele indica um estado determinado pela escolha de permanecer em Jesus. Na sequência da perícopes da videira, “o ‘fruto’ é a ‘observância dos mandamentos’ sobretudo a observância do amor fraterno (v. 12), e indiretamente o ‘fruto da missão’”²⁹⁴.

Ele não corta ramo que permaneça. Permanecer não é ligação física, é vínculo determinante. No comentário abaixo sobre o v. 6 serão vistas as imagens usadas para indicar a retirada do ramo não produtivo.

Outra ação do agricultor é que ele “limpa” o ramo que produz fruto²⁹⁵. O texto não diz como é feita a limpeza, dado que os que estão com Jesus já estão limpos, por causa da palavra. Jesus é a palavra criadora, eficaz; sua palavra leva a marca do seu ser palavra. Se é o Pai que limpa, também os discípulos são limpos pelo Pai. O Pai o faz com a palavra de Jesus, ou mesmo com a Palavra Jesus.

²⁹² Não é tão seguro que aqui se trate de uma παρονομασία, como afirma GIURISATO, G. Struttura e messaggio di Gv 15, 1-8. *SPat* n. 50, 2003, p. 694, onde palavras da mesma raiz são repetidas; é mais seguro afirmar que aqui se encontra um ομοιοτέλετον, no qual palavras diversas terminam do mesmo modo (cf. BLASS, F; DEBRUNNER, A. *Grammatica del Greco del Nuovo Testamento*. Brescia: Paideia, 1997, §488,2).

²⁹³ A 1Jo 2,19 fala dos que “saíram do meio de nós mas não eram dos nossos” (ἐξ ἡμῶν ἐξηλθὼν ἀλλ’ οὐκ ἦσαν ἐξ ἡμῶν); são estes os ramos não produtivos.

²⁹⁴ Cf. PORSCHE, F. ἄμπελος. In: BALZ, H; SCHNEIDER, G. *DENT*. Salamanca: Sígueme, 1996. V. 1. col. 190-191.

²⁹⁵ Cf. BOISMARD, M.-É; LAMOVILLE, A. *L’Évangile de Jean: Synopse des Quatre Évangiles en Français*. Paris: Cerf, 1977, p. 369. A imagem da purificação dos ramos produtivos, não se encontra nem no AT nem no NT. Poderia aqui aproximar da imagem com os metais preciosos: a) Mt 3,3 LXX: “καθαρίζων ὡς τὸ ἀργύριον καὶ ὡς τὸ χρυσίον” referindo-se à purificação dos filhos de Levi; b) 1Pd 1,6-7 que fala da fé provada pelo fogo: “τοῦ ἀπολλυμένου διὰ πυρός”).

Estar nele é estar limpo. De qualquer modo, o agricultor estará sempre conferindo a vivacidade dos ramos, ou seja, a qualidade da relação com Jesus, a videira.

Para concluir, o Pai aparece como fim do processo do tornar-se discípulo. O que está em jogo na perspectiva do que dispõe a permanecer em Jesus é tornar-se discípulo; na perspectiva de Jesus o permanecer nele; e na perspectiva do Pai é sua glorificação. Os três atos são concomitantes, mas há uma finalidade: a glorificação do Pai; há também um pressuposto teológico fundamental: permanecer em Jesus.

4.2.3.

A palavra²⁹⁶ que purifica os discípulos e na qual eles permanecem

3a ἤδη ὑμεῖς καθαροί ἐστε

3b διὰ τὸν λόγον

3c ὃν λελάληκα ὑμῖν

O v. 3 traz o discurso para o nível não metafórico. Para realizar este fenômeno o autor coloca ὑμεῖς como termo correlativo de κλήμα do v. 2. Nota-se um encaminhamento de clareza sobre a natureza do ramo. No v. 2 foi vista a ação do Pai que retira o ramo que não produz fruto em Jesus (ἐν ἐμοὶ) e ele limpa o que produz. No v. 3 o autor chama em causa os discípulos/ouvintes. Como podem ser podados? διὰ τὸν λόγον. Qual palavra? ὃν λελάληκα ὑμῖν –, notemos o valor do perfeito que alcança os ouvintes. A força da palavra na formação do discípulo é indicada em Jo 8,31c: “Se permanecerdes em minha palavra, sereis verdadeiramente meus discípulos” (Ἐὰν ὑμεῖς μένητε ἐν τῷ λόγῳ τῷ ἐμῷ, ἀληθῶς μαθηταί μου ἐστε).

É mesmo extraordinário como o autor trabalha com o nível metafórico e real, deixando suficiente clareza para distinguir sem perder o enriquecimento recíproco. Ademais, o texto é muito bem costurado; o léxico καθαροί liga este versículo ao anterior, no qual encontramos o *hápax* καθαίρει²⁹⁷.

²⁹⁶ Aparece na perícopes a recorrência de λόγος (3b) e ῥῆμα (7b). DEBRUNNER, A.; KLEINKNECHT, H; KITTEL, G. λέγω, λόγος, ῥῆμα, λαλέω. In: KITTEL, R. (org.). *GLNT*. Brescia: Paideia, 1970. V. 6. col. 229: “λόγος e ῥῆμα no AT – como mais tarde no Novo – são equivalentes”; PROCKSCH, O. λέγω, λόγος, ῥῆμα, λαλέω. In: KITTEL, R. (org.). *GLNT*. Brescia: Paideia, 1970. V. 6. col. 263: “A LXX usa os dois termos [λόγος e ῥῆμα] como sinônimos”.

²⁹⁷ A παρονομασία que é também um elemento com forte função comunicativa, pois chama a atenção do ouvinte-leitor (cf. BLASS, F; DEBRUNNER, A. *Grammatica del Greco del Nuovo Testamento*. Brescia: Paideia, 1997, §488,1)

Que os discípulos de Jesus sejam puros, isso é uma asserção de princípio. O princípio cristão é que a relação com Jesus, o estar nele, substitui a pureza cultural e ritual, pois “a purificação não é enviada por Deus como uma prova externa; ela está intimamente ligada à ação da palavra”²⁹⁸. Afinal, a comunhão com Jesus só pode ser conservada se o discípulo deixa ser feito pelo Mestre este serviço de amor²⁹⁹, pois é o amor vivencial de Jesus que tira fora da nossa soberba e nos torna capazes de Deus, nos torna “puros”³⁰⁰. É no encontro com a palavra de Jesus que coloca o ser humano na decisão de crer. “Aqui mais uma vez, o dom está no início, a palavra de Jesus, de modo que o ‘produzir fruto’ não deve ser entendido como logro humano”³⁰¹.

Quando se afirma que ἤδη ὑμεῖς καθαροί ἐστε διὰ τὸν λόγον ὃν λελάληκα ὑμῖν (3ab), “λόγος não é um puro termo formal, mas contém sempre a vivente certeza da ‘palavra falada’, dirigida neste caso de Deus ao mundo”, pois “a essência específica do termo λόγος no NT não consiste no vocábulo e na forma como tal, mas na relação concreta com aquele que fala”³⁰².

Também para João a alternativa entre fé e a recusa se funda seja sobre o agir de Jesus (cf. Jo 11,45ss), seja sobre a sua palavra (cf. Jo 6,60ss; 10,19ss). Crê-se em Jesus por causa da sua palavra (διὰ τὸν λόγον αὐτοῦ Jo 4,41; cf. 4,50ss); esta palavra é aceita ou não (λαμβάνων τὰ ῥήματά μου Jo 12,48); se pode guardar ou não guardar (ἐάν τις τὸν ἐμὸν λόγον τηρήσῃ Jo 8,51; 14,24; 15,20; Ap 3,8); nessa se permanece (Jo 8,31; cf. 15,7) e essa entra no homem (χωρεῖ ἐν ὑμῖν Jo 8,37). Quem rejeita a palavra de Jesus se expõe ao juízo de Deus (cf. Jo 12,47s); quem, ao invés, acolhe com fé e a guarda se torna puro, διὰ τὸν λόγον ὃν λελάληκα ὑμῖν (Jo 15,3bc). Quem acolhe a palavra “tem vida eterna e não cai no juízo” (Jo 5,24), “não verá a morte eternamente” (Jo 8,51s). O valor da Palavra de Jesus se apoia no fato dele ser o Filho, e que “a palavra que escutaste não é minha, mas do Pai que me enviou” (Jo 14,24; cf. 14,10; 17,8). Sendo do Filho, as

²⁹⁸ BUSSCHE, H. La vigne et ses fruits. Jn 15,1-8 *BivChr*, n. 26, 1959, p. 16.

²⁹⁹ Cf. HAUCK, F. καθαρός. In: KITTEL, R. (org.). *GLNT*. Brescia: Paideia, 1968. V. 4. col. 1282-1290. “ἤδη ὑμεῖς καθαροί ἐστε” (3a) é uma citação que aparece também em 13,10. Das quatro recorrências em João, as outras três estão no contexto do lava-pés; sempre com sentido de uma pureza que é fruto da relação com Jesus.

³⁰⁰ BENTO XVI. *Jesus de Nazaré*. Da entrada em Jerusalém até a Ressurreição. São Paulo: Planeta do Brasil, 2011, p. 62.

³⁰¹ BLANK, J. *O Evangelho segundo João*. Petrópolis: Vozes, 1988, p. 144.

³⁰² KITTEL, G. λέγω, λόγος, ῥῆμα, λαλέω. In: KITTEL, R. (org.). *GLNT*. Brescia: Paideia, 1968. V. 4. col. 289.

palavras de Jesus são ῥήματα ζωῆς αἰωνίου (Jo 6,68), são πνεῦμά ἐστιν καὶ ζωή (Jo 6,63). Por isso se entende a equiparação da palavra de Jesus com a Escritura: “creram na Escritura e na palavra dita por Jesus” (Jo 2,22; 5,47)³⁰³. “Χάριτος e ἀλήθεια constituem a essência do λόγος (Jo 1,14) e, portanto, o conteúdo da revelação trazida em Jesus (Jo 1,17b) que substitui o νόμος mosaico, a Torá (Jo 1,17a)”; “o λόγος se encarnou justamente para que nele se manifestasse a antítese com a Torá”³⁰⁴. “Jesus não é somente transmissor e promulgador da Torá, mas é ele mesmo Torá, nova Torá. Tudo que era provisório e indireto está superado. Em Jesus acontece propriamente a Palavra de Deus”³⁰⁵, “de modo que πιστεύειν τῷ λόγῳ τοῦ Θεοῦ se torna πιστεύειν εἰς Χριστόν.”³⁰⁶

Por tudo isso não se pode admitir reduzir a pureza de que fala o texto a um nível moral. É o Messias-Palavra que realiza o lavacro de purificação que renova quem se deixa purificar por esta comunhão que capacita ao culto em espírito e verdade. Embora produzir frutos não seja um “apêndice moral do mistério”, o essencial, porém, é o permanecer na videira, isso, porque a pureza é, antes de tudo, um dom comunicado que renova o discípulo a partir de dentro; esse dom é antes de tudo o permanecer nele, ser acolhido em Cristo³⁰⁷.

Sendo Jesus a epifania da Palavra, pois ela se fez carne, na palavra dita por Jesus está a expressão do seu ser. Ora, sendo assim, nada mais fundamental para o discípulo que o que vem de Jesus: na palavra a relação com ele. Ademais, esta palavra dita por Jesus se mostra eficaz para o discípulo; como o *dabar* profético, ela não volta sem ter produzido resultado (cf. Is 55,10-11); no caso, o resultado é capacitar o discípulo para glorificar o Pai, produzindo fruto, ou, mais fundamentalmente dizendo, fazendo gerar o discípulo.

³⁰³ *Ibidem*, col. 301-303.

³⁰⁴ *Ibidem*, col. 376-377.

³⁰⁵ *Ibidem*, col. 378.

³⁰⁶ BULTMANN, R.; WEISER, A. πιστεύω, πίστις. In: KITELL, R. (org.). *GLNT*. Brescia: Paideia, 1975. V. 10. col. 452.

³⁰⁷ Cf. BENTO XVI. *Jesus de Nazaré*. Da entrada em Jerusalém até a Ressurreição. São Paulo: Planeta do Brasil, 2011, pp. 65-69.

4.2.4.

A fórmula da imanência recíproca

4a μέινατε ἐν ἐμοί,

4b καὶ γὼ ἐν ὑμῖν.

Este período coordenado apresenta algo de único na perícope: a única frase propriamente parenética, com o verbo no imperativo (μέινατε). Nota-se que esta exortação não é para fazer algo, nem para produzir frutos, mas para permanecer em Jesus (ἐν ἐμοί)³⁰⁸. O lugar estratégico deste imperativo dá o tom de toda a perícope. É a primeira vez que aparece o verbo μένω das sete vezes que ocorre na perícope. Como foi notado em outros lugares, vê-se aqui a finura da construção: primeiro o verbo na segunda pessoa do plural e o pronome na primeira pessoa; na segunda frase o pronome na primeira pessoa (verbo elíptico) e pronome na segunda plural.

Esta relação indicada pela imagem da videira e dos ramos é enunciada conceitualmente pela “fórmula da imanência recíproca” que aparece três vezes (4ab; 5cd; 7ab) na perícope³⁰⁹. Qualquer tipo de identificação desta relação como mística ou “moral”, a empobrece³¹⁰. Mas é necessário dar um nome a esta relação. Que seja então relação vital³¹¹. De qualquer modo, “como Jesus está falando metaforicamente, e não alegoricamente, em sentido estrito, não há concentração nos detalhes”³¹², ou seja, a linguagem do texto é o que temos; tudo o que temos e somente o que temos. O ouvinte-leitor colhe a profundidade pela plasticidade da imagem que ele pode criar, mas, sobretudo, que pode visitar na tradição bíblica. Em cada tempo, quem se aproxima para ser discípulo deverá perguntar-se da disposição em ser um ramo como o contexto do EvJo indica. Se não, não poderá ser discípulo. Ser ramo se refere à dependência da videira, da intensidade da

³⁰⁸ Cf. MATEUS, J.; BARRETO, J. *El Evangelio de Juan*. Analisis lingüístico y comentario exegético. 2. ed. Madrid: Ediciones Cristianidad, 1982, p. 652. Este autor, nas notas filológicas propõe traduzir ἐν ἐμοί por “comigo”. Embora possível, retornaria ao nível fenomenológico do discipulado, abrindo mão da ontologia aqui indicada.

³⁰⁹ HAUCK, F. μένω. In: KITTEL, R. (org.). *GLNT*. Brescia: Paideia, 1971. V. 7. col. 42: a esta imanência recíproca está ligada aquela “in-habitação permanente de Cristo e de Deus no crente”, e também a “morada” preparada por Jesus para os seus (cf. Jo 14,2.23).

³¹⁰ LINDARS, B. *The Gospel of John*. London: Oliphants, 1977. p. 489.

³¹¹ BEHM, J. κλημα. In: KITTEL, R. (org.). *GLNT*. Brescia: Paideia, 1965. V. 1. col. 581-582. “João se serve da imagem da videira e os ramos para ilustrar, em analogia à sua natural relação, íntima e vital união de Jesus com seus discípulos.”

³¹² LINDARS, B. *The Gospel of John*. London: Oliphants, 1977, p. 489.

relação e da condição de subsistência. Não basta que o discípulo saiba disto, precisa ser isto: ramo na videira.

Ser discípulo indica uma disposição vivencial de estar nele e permitir que ele esteja em si. “Qual seja a força que faz brotar o fruto, é claramente indicada por João na comunhão com Cristo”³¹³. O produzir fruto está condicionado ao permanecer na videira. O ramo só não produz fruto porque não permanece na videira.

4.2.5. Os ramos e os discípulos

4c καθὼς τὸ κλῆμα οὐ δύναται καρπὸν φέρειν ἅφ' ἑαυτοῦ
 4d ἐὰν μὴ μένῃ ἐν τῇ ἀμπέλω,
 4e οὕτως οὐδὲ ὑμεῖς
 4f ἐὰν μὴ ἐν ἑμοὶ μένητε.

Este período é construído em simetria paralela (aba'b'): trata-se de dois períodos hipotéticos nos quais a apódose em frases comparativas é indicada por καθὼς / οὕτως e a prótase é indicada com ἐὰν μὴ + verbo μένω. Nota-se aqui a inversão: primeiro a consequência (apódose), depois a condição (prótase). Os dois períodos hipotéticos (4cd; 4ef) amarraram a imagem da videira/ramos com a realidade Jesus/discípulos.

Também aqui se observa a construção meticulosa da inversão do verbo com o adjunto adverbial de lugar: μένῃ ἐν τῇ ἀμπέλω / ἐν ἑμοὶ μένητε. Estes detalhes estruturais e de intercessão de imagem e realidade, reforçam a fusão dos horizontes e facilitam ao leitor e ao ouvinte visualizarem o que ouvem, absorvendo mais densamente o que é proclamado. É afirmado que “os discípulos têm uma relação de dependência que equivale àquela dos ramos com a videira: como os ramos dependem da videira para produzir frutos, assim os discípulos de Jesus”³¹⁴.

As condições colocadas para o ramo e para os discípulos (ὑμεῖς) estão na negativa: ἐὰν μὴ. O não permanecer leva ao necessário não produzir fruto. A sintaxe indica que em 4e está subentendido οὐ δύναται καρπὸν φέρειν ἅφ' ἑαυτοῦ. Mesmo fora das alterações dogmáticas, não há como não remarcar que estamos

³¹³ HAUCK, F. καρπός. In: KITTEL, R. (org.). *GLNT*. Brescia: Paideia, 1969. V. 5. col. 219.

³¹⁴ GIURISATO, G. Struttura e messaggio di Gv 15,1-8. *SPat* 50, 2003, p. 696.

diante de um elemento que toca a espinha dorsal do cristianismo e, portanto, do ser discípulo³¹⁵. Ao lado do perigo de não permanecer em Jesus, está a tentação de querer produzir frutos por si mesmo: um e outro modo estão fadados ao fracasso.

O que significa profundamente este permanecer capaz de produzir frutos? Pode ajudar a entender quando Jesus fala da condição para sua vida ser fecunda. Jesus é comparado a um grão de trigo cuja morte é pressuposto necessário de uma rica messe de frutos (cf. Jo 12,24)³¹⁶. O correspondente do discípulo exige a comunhão com Jesus também no dinamismo da fecundidade da vida. Para Jesus, a morte do grão de trigo, é a entrega da sua vida e, embora ele possa retomá-la, continua sendo uma entrega total, obediente. O modo que esta entrega possa ser traduzida para o discípulo, no EvJo, isso começa pelo crer em Jesus, fonte de vida eterna e tem seu desfecho em também ele estar disposto a dar a vida (cf. Jo 15,13). Crer em Jesus determina uma nova existência, é “nascer do alto”, não viver mais a partir “da carne e do sangue”, mas da vontade de Deus; vontade expressa na palavra de Jesus, que faz puro o discípulo³¹⁷.

Esse nível de relação com Jesus, que é crer nele, gera no discípulo uma vida que é qualificada como “eterna”. “Com esta enunciação ao presente, a promessa escatológica da salvação se torna uma possessão salvífica imediatamente vivida”; indica mesmo que a “relação salvífica é duradoura e já presente”³¹⁸.

A fórmula plena da imanência aparece em Jo 14,20: ἐγὼ ἐν τῷ πατρὶ μου καὶ ὑμεῖς ἐν ἐμοὶ καὶ ἐγὼ ἐν ὑμῖν³¹⁹. É chamada plena porque em todas as relações do Pai com o Filho, de Jesus com os discípulos ou do Pai com os discípulos – senão explícita como aqui, ao menos virtualmente estará presente o outro terceiro elemento. O v. 8 que conclui a perícopes da videira expressa em fórmula plena ao afirmar que os discípulos de Jesus glorificam o Pai.

³¹⁵ Corresponde semântica e teologicamente ao “confiar na carne” paulino (Fl 3,4a.c).

³¹⁶ Cf. HAUCK, F. καρπός. In: KITTEL, R. (org.). *GLNT*. Brescia: Paideia, 1969. V. 5. col. 220.

³¹⁷ Outras manifestações da vida divina que permanece no discípulo nos escritos joaninos: palavra de Deus (Jo 5,38; 15,7; 1Jo 2,14); vida (1Jo 3,15); amor (1Jo 3,17), a verdade (2Jo 2) a união (1Jo 2,27), ou os discípulos que permanecem nas coisas divinas: na casa de Deus (Jo 8,35); no amor (Jo 15,9.10), na luz (1Jo 2,10), na doutrina (2Jo 9).

³¹⁸ HAUCK, F. μένω. In: KITTEL, R. (org.). *GLNT*. Brescia: Paideia, 1971. V. 7. col. 31.32. Para Paulo esta realidade duradoura também se dá pela relação estável com Cristo, pois “Οὐδὲν ἄρα νῦν κατάκριμα τοῖς ἐν Χριστῷ Ἰησοῦ” (Rm 8,1).

³¹⁹ Cf. SCHNACKENBURG, R. *El Evangelio segun San Juan*. Salamanca: Herder, 1980, p. 128. Este autor vê no contato deste texto com as fórmulas da imanência da nossa perícopes um dos elementos que justificaria o capítulo 15 ter sido colocado aqui pelo redator final.

Esta fórmula serve também para expressar a comunhão de Jesus com o Pai (10,38: ἵνα γινώτε καὶ γινώσκητε ὅτι ἐν ἐμοὶ ὁ πατὴρ καὶ γὰρ ἐν τῷ πατρὶ.; 14,10.11: ἐγὼ ἐν τῷ πατρὶ καὶ ὁ πατὴρ ἐν ἐμοί ἐστιν). Esta permanência do Pai em Jesus permite que o Pai, em Jesus, realize suas ações (Jo 14,10: ὁ δὲ πατὴρ ἐν ἐμοὶ μένων ποιεῖ τὰ ἔργα αὐτοῦ); neste nível de relação entra a resposta dada por Jesus a Filipe: “quem me vê, vê o Pai”. Fica patente que esta relação de Jesus com o Pai qualifica não só suas ações e palavras, mas seu próprio ser, que se torna epifania do Pai. Em 17,21.23, há uma referência à fórmula plena, em que há uma cadeia: o Pai em Jesus, Jesus nos discípulos para que assim se tornem “uma só coisa”. No EvJo encontramos os raciocínios por cascata: a relação de Jesus com Pai transferida para os discípulos e Jesus (15,9-10: cheio de significado é o καθὼς joanino).

A questão agora é se o EvJo nos permite inferir para a relação Jesus/discípulos as consequências da relação Pai/Filho. As fórmulas da imanência vistas dentro do conjunto do Evangelho expressam a intenção de aplicar a relação de Jesus com o Pai à relação dos discípulos com Jesus, sempre guardadas as devidas proporções. Pode-se dizer, de certo modo, que quem vê o discípulo vê Jesus (cf. Jo 13,34: ἐν τούτῳ γινώσκονται πάντες ὅτι ἐμοὶ μαθηταί ἐστε, ἐὰν ἀγάπην ἔχητε ἐν ἀλλήλοις). Neste ponto é sugestiva a ligação que o autor estabeleceu entre dois textos do seu escrito: Jo 1,18 (μονογενὴς θεὸς ὁ ὢν εἰς τὸν κόλπον τοῦ πατρὸς) e Jo 13,23 (εἷς ἐκ τῶν μαθητῶν αὐτοῦ ἐν τῷ κόλπῳ τοῦ Ἰησοῦ): Jesus é o “Unigênito” que está no “seio” do Pai; o discípulo que dá testemunho é aquele que está “no seio de Jesus”. Ao ouvinte-leitor estes ganchos ferem-lhe os ouvidos.

Alargando a pesquisa para os escritos joaninos, a identidade do discípulo se dá quase que pela reprodução existencial da vida de Jesus: o discípulo deve estar na luz “como ele está na luz” (1Jo 1,7 ὡς αὐτός ἐστιν ἐν τῷ φωτί); deve “caminhar como ele caminhou” (1Jo 2,6 καθὼς ἐκεῖνος περιεπάτησεν καὶ αὐτὸς περιπατεῖν); ser puro “como ele é puro” (1Jo 3,3 καθὼς ἐκεῖνος ἄγνός ἐστιν); ser justo “como ele é justo” (1Jo 3,7 καθὼς ἐκεῖνος δίκαιός ἐστιν); o desfecho é que “seremos semelhantes a ele, porque o veremos tal como ele é” (1Jo 3,2 ὅμοιοι αὐτῷ ἐσόμεθα, ὅτι ὁψόμεθα αὐτὸν καθὼς ἐστιν).

A repetição da fórmula da imanência na perícopa da videira dá a chave para a porta do sentido profundo da relação da videira com os ramos; esta relação deve ser lida à luz da relação de Jesus com o Pai, sabendo que esta reciprocidade no permanecer, gera na parte mais “fraca” o dever de acolher algo que lhe é dado e que moldará seu ser e seu agir, a tal ponto que isto o permitirá ser reconhecido.

4.2.6.

A identificação dos ramos com os discípulos

5a ἐγώ εἰμι ἡ ἄμπελος,

5b ὑμεῖς τὰ κλήματα.

Novamente temos a autorrevelação de Jesus, e agora, também a identificação dos discípulos (τὰ κλήματα). As fórmulas de revelação (ἐγώ εἰμι), além de sua forte relevância teológica em referência à revelação do nome divino de Ex 3,14, funcionam também como frases do duplo amém, “que hoje em dia apareceriam no texto em negrito ou num quadrinho, para a gente decorar”³²⁰. As duas orações são mostradas em coordenadas simétricas perfeitas, em que a diferença do v. 1 se mostra pela falta da conjunção καί, sendo, então, assindéticas³²¹. Falta também a cópula verbal em 5b e o adjetivo ἡ ἀληθινή em 5a. As características destas orações as distinguem do contexto, onde antes e depois se encontram orações condicionais.

Depois de uma preparação na qual foram feitas indicações sobre o ramo, chega o momento em que tudo que foi escutado sobre o ramo deve ser aplicado ao discípulo. Aqui, o ouvinte precisa de uma pausa, porque deverá retomar, mesmo que rapidamente, o já dito. O texto lhe permite retomar porque repete praticamente, em resumo, o que foi dito.

³²⁰ KÖNINGS, J. *Evangelho Segundo João*. São Paulo: Loyola, 2005, p. 23. Alhures estas frases aparecem com um predicativo e funcionam como “títulos” ou frases de efeito: “Eu sou o pão da vida” (Jo 6,35.(41).48.(51) Ἐγώ εἰμι ὁ ἄρτος τῆς ζωῆς); “Eu sou a luz do mundo (Jo 8,12 Ἐγώ εἰμι τὸ φῶς τοῦ κόσμου); “Eu sou a porta das ovelhas” (Jo 10,7 ἐγώ εἰμι ἡ θύρα τῶν προβάτων); “Eu sou o bom Pastor” (Jo 10,11.14 Ἐγώ εἰμι ὁ ποιμὴν ὁ καλός); “Eu sou a ressurreição e a vida” (Jo 11,25 Ἐγώ εἰμι ἡ ἀνάστασις καὶ ἡ ζωή); “Eu sou o caminho, a verdade e a vida” (Jo 14,6 Ἐγώ εἰμι ἡ ὁδὸς καὶ ἡ ἀλήθεια καὶ ἡ ζωή). Cada uma com seu peso teológico e semântica própria.

³²¹ “A composição de um período em membros desligados produz um efeito muito mais vivaz de quanto não faça a forma frasal propriamente dita.” (BLASS, F; DEBRUNNER, A. *Grammatica del Greco del Nuovo Testamento*. Brescia: Paideia, 1997, §494)

O *mashal* da videira e dos ramos é uma analogia “nova e original” em relação aos vários paralelos orientais³²². A novidade está, sobretudo, em Jesus usar como elemento de revelação a identificação com a videira do AT. É por isso que esta afirmação não é aceita somente como alegoria, pois não é próprio do gênero alegórico ser precedido pelo “εγώ εἰμι”³²³. Por outro lado, ao identificar os discípulos com “ramos”, acentua a total e irrestrita dependência que eles têm dele, a videira. Só haverá discípulo quando a permanência nele for a escolha fundante da vida.

4.2.7. Condição para produzir fruto

5c ὁ μένων ἐν ἐμοὶ
5d καὶ ἐν αὐτῷ
5e οὗτος φέρει καρπὸν πολύν,
5f ὅτι χωρὶς ἐμοῦ οὐ δύνασθε ποιεῖν οὐδέν.

A oração 5cd testemunha mais uma vez a fórmula da imanência recíproca. Como no v. 4cdef, também aqui se tem a correspondência entre “permanecer” e “produzir fruto”. Não se encontra aqui um período hipotético verdadeiro e próprio³²⁴, mas fica claro que 5cd funcionam como a prótase e 5e como a apódose. O sintagma ἀφ’ ἑαυτοῦ (4c) e o χωρὶς ἐμοῦ (5f) se reforçam reciprocamente na concepção da dependência total devido à radical insuficiência do ramo e do discípulo de produzirem frutos. Este período é articulado com referências internas de forma antitéticas: ao ἐν ἐμοὶ corresponde o χωρὶς ἐμοῦ, e ao καρπὸν πολύν corresponde o οὐδέν. Isto expressa bem o estilo do EvJo no qual é dado espaço largo às antíteses, “simbolismo bipolar”³²⁵: luz/trevas, vida/morte, do alto/daqui, verdadeiro/mentiroso.

A oração 5f traz uma frase explicativa que é o golpe de misericórdia sobre qualquer pretensão fora ou independente de Jesus de produzir fruto: ὅτι χωρὶς ἐμοῦ οὐ δύνασθε ποιεῖν οὐδέν. Como Jesus, que é o Filho, “não pode fazer nada

³²² Cf. BEHM, J. κλήμα. In: KITTEL, R. (org.). *GLNT*. Brescia: Paideia, 1965. V. 1. col. 582.

³²³ Cf. BULTMANN, R. *Das Evangelium des Johannes*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1952, pp. 406-407.

³²⁴ Pois se exige a presença de indicativos textuais (BLASS, F; DEBRUNNER, A. *Grammatica del Greco del Nuovo Testamento*. Brescia: Paideia, 1997, §371-376)

³²⁵ KÖNINGS, J. *Evangelho Segundo João*. São Paulo: Loyola, 2005, p. 21.

por si mesmo” (Jo 5,19.30), por ter o ser da relação com o Pai, assim também a fecundidade do discípulo é essencialmente fruto da relação com Cristo.

O *mashal* da videira enuncia duas vezes de forma conclusiva a dependência dos discípulos em relação a Jesus. A primeira é a expressão usada no âmbito metafórico da impossibilidade de produzir frutos por si mesmo: τὸ κλῆμα οὐ δύναται καρπὸν φέρειν ἅφ’ ἑαυτοῦ (4c); que tem como contraparte, em nível real, a afirmação “ὅτι χωρὶς ἐμοῦ οὐ δύνασθε ποιεῖν οὐδέν” (5f). Atendo-se, porém, à relação videira/Jesus e ramos/discípulos, o sintagma ἅφ’ ἑαυτοῦ não tem uma correspondente direta em nível real. O que leva a reter que ela pode ser retomada com toda sua expressividade joanina também no âmbito real dos discípulos, haja vista que várias vezes os horizontes se fundem. O que seria esse “por si mesmo”?

No contexto da cura do paralítico na piscina de Betesda, é dito que “não pode o Filho fazer nada por si mesmo” (Jo 5,19 οὐ δύναται ὁ υἱὸς ποιεῖν ἅφ’ ἑαυτοῦ οὐδέν). Fala da dependência que Jesus tem do Pai na sua missão; essa dependência ele a expressa em tudo que faz. Indica também que o Filho tem à sua disposição uma fonte para o dinamismo do seu poder e para as dimensões do seu agir; tudo é regulado pelo ser do Pai: como o Pai faz, Jesus também faz.

Outra passagem iluminadora é Jo 7,18. Os judeus estão maravilhados que ele saiba letras sem ter estudado. Jesus diz “ὁ ἅφ’ ἑαυτοῦ λαλῶν τὴν δόξαν τὴν ἰδίαν ζητεῖ”. De novo é sua relação com o Pai que é evidenciada, pois ele busca a glória daquele que o enviou. Não só na ação ele depende do Pai, como vimos acima, mas também no que fala ensinando³²⁶.

O entendimento da perícope da videira ganha novo horizonte. Não poder fazer por si mesmo, referente aos ramos/discípulos, além da limitação indica o muito que podem na relação com Jesus. Ou seja, se de um lado coloca um limite intransponível na autossuficiência, por outro lado potencializa a capacidade da existência dependente. Isso é extraordinário!³²⁷.

Se comumente a dogmática é descrita com indicativos e a moral com imperativos; ou a mística como comunhão e a ascética com a exortação a agir³²⁸; o que dizer quando o imperativo chama em causa a dogmática e a mística? Pois o

³²⁶ Nem Caifás falou “ἅφ’ ἑαυτοῦ” ao profetizar a morte de Jesus (Jo 11,51); nem o Espírito Santo falará “ἅφ’ ἑαυτοῦ”, mas do que tiver escutado (cf. Jo 16,13).

³²⁷ Sobre a relevância deste sintagma para o processo de construção do discípulo, ver cap. IV.

³²⁸ Esta convenção é, sobretudo, desenvolvida a respeito das cartas de Paulo, sem parâmetros rígidos (cf. DUNN, J.D.G. *A Teologia do Apóstolo Paulo*. São Paulo: Paulus, 2003, pp. 704-705).

verbo permanecer “indica em João o definitivo e duradouro da relação com Jesus fundada na fé”³²⁹.

O diferencial da relação dos discípulos no EvJo é que a relação não é com a comunidade fundada por Jesus, ou com a memória dos seus escritos, mas com ele mesmo. Não é a força dos ensinamentos de Jesus, nem o afã de passar adiante sua memória, mas a presença dele que dá suporte para o ser e o agir do discípulo.

4.2.8.

Consequências da não permanência em Cristo

- 6a ἐὰν μή τις μένη ἐν ἐμοί,
- 6b ἐβλήθη ἔξω
- 6c ὡς τὸ κλῆμα
- 6d καὶ ἐξηράνθη
- 6e καὶ συνάγουσιν αὐτὰ³³⁰
- 6f καὶ εἰς τὸ πῦρ βάλλουσιν
- 6g καὶ καίεται.

Mais uma vez encontramos um período hipotético. Ele está em claro paralelismo antitético com 5c: ὁ μένων ἐν ἐμοί / 6a: ἐὰν μή τις μένη ἐν ἐμοί. Há um rompimento da expectativa do movimento do texto. Se o permanecer leva a produzir muito fruto, o não permanecer deveria ter como consequência a não produção de fruto. Acontece algo novo. Com uma sequência de verbos coordenados com tom até monótono – o que chama a atenção do ouvinte-leitor – vem indicado o desfecho de quem faz a escolha de não permanecer em Jesus. É mesmo incrível como o autor conseguiu transferir para o texto a dramaticidade do fato possível. Ele usa cinco verbos para expressar a consequência na condição de não permanecer (6a): dois aoristos passivos, (ἐβλήθη³³¹ e ἐξηράνθη) três presentes (συνάγουσιν, βάλλουσιν e καίεται), sendo que o último é passivo.

Outro elemento textual que remarca o caminho do fracasso é o encadeamento das ações verbais pela sequência de quatro καί, sendo que o último está ligado a um verbo cuja inicial dá a percepção no ouvinte da repetição: καὶ

³²⁹ BLANK, J. *O Evangelho segundo João*. Petrópolis: Vozes, 1988, p. 144.

³³⁰ Os horizontes da metáfora e da realidade se tocam aqui: o αὐτὰ não está se referindo ao κλῆμα de 6c – nem há concordância –, mas com κλήματα de 5b; são os ouvintes-leitores que estão no foco.

³³¹ Aoristo gnômico, ou seja, uma “ação válida em todo tempo”. (BLASS, F; DEBRUNNER, A. *Grammatica del Greco del Nuovo Testamento*. Brescia: Paideia, 1997, §333.1; Cf. BROWN, R.E. *The Gospel according to John*. New York: Doubleday & Company, 1970, p. 661).

καίεται. Embora seja usada a preposição καί, há ideia clara de consecução nas ações; há um crescendo até o ponto final quando o ramo é queimado que é o “clímax ascendente”³³². O sujeito que sofre a ação dos dois verbos passivos (ἐβλήθη e ἐξηράνθη) se torna o objeto dos dois verbos impessoais (συνάγουσιν e βάλλουσιν) e, finalmente o sujeito que sofre a última ação: “é queimado”. Embora o ouvinte-leitor já tivesse sido preparado pelo αἴρει αὐτό de 2b para esse desenlace, lá, porém, falava ainda em metáfora, aqui fala da realidade possível para alguém (τις). Encontra-se entre a metáfora e a realidade: o que acontece com o ramo que não produz fruto, *mutatis mutandis*, acontece com aquele que não permanece em Jesus.

Se aceitarmos que a metáfora é a realidade tornada imagem, seria permitido decodificar as imagens em conceitos teológicos? Qual é o limite?

O v. 6 com sua construção em que abundam os verbos e cansa na repetição da conjunção καί transmite uma mensagem forte de juízo. Na expressão ἐβλήθη ἔξω ὡς τὸ κλῆμα faz referência a 2b, na qual o agricultor αἴρει o ramo não produtivo.

Aqui há uma dimensão da escatologia presente em João³³³. A disposição sintática do texto mostra também uma intenção semântico-teológica. Há um desfecho para quem escolher não permanecer na videira, que em última análise é decidir não tornar-se discípulo. “João recolhe a linguagem tradicional do juízo incorporando-o a sua visão: a separação de Jesus, ou seja, a incredulidade provoca o juízo”³³⁴. É certo que não há elementos suficientes “para identificar os ramos mortos com descrentes judeus ou os cristãos apóstatas”³³⁵, mas o texto indica ao ouvinte-leitor que esta palavra é passível de encontrar gancho em possíveis escolhas. Não é à toa que o conjunto textual dos capítulos 13–17 do EvJo são acompanhados pela sombra de Judas³³⁶.

O AT usa profusamente o fogo como instrumento para indicar o juízo da ira divina³³⁷. “Em conformidade com todo o AT, o fogo é comumente usado,

³³² GIURISATO, G. Struttura e messaggio di Gv 15,1-8. *SPat*, n. 50, 2003, p. 699.

³³³ Bultmann fala de acréscimos do “redator eclesiástico”.

³³⁴ BLANK, J. *O Evangelho segundo João*. Petrópolis: Vozes, 1988, p. 145.

³³⁵ LINDARS, B. *The Gospel of John*. London: Oliphants, 1977, p. 488.

³³⁶ Cf. Jo 13,3.11.18-30; 17,12. Mais que os outros evangelhos, o EvJo destaca os pontos negativos de Judas.

³³⁷ Veja Jr 4,4; 5,14; 21,12.36; 22,21.31; 38,19; Am 1,4.7.10.12.14; 2,2.5; Os 8,14; Ez 15,7; 16,41; 24,9; Sf 1,18; 3,8; Na 1,6; Sl 79,5; 89,47.

sobretudo, como imagem do juízo divino³³⁸; mas foi sobretudo na escatologia da apocalíptica judaica que o fogo adquiriu sua importância³³⁹. O texto não permite interpretá-los como “suplícios eternos”, mas são claramente indicação do juízo divino³⁴⁰. O fogo tem três funções básicas: queimar, iluminar e aquecer. A primeira, que é relevante neste contexto, é usada nos textos proféticos para referir-se ao juízo de Deus. Ademais, “no AT o fogo é visto em modo totalmente teocêntrico, qual forma descritiva da misteriosa, impossível de se aproximar, terrível e beatificante glória de YHWH no processo revelador e qual instrumento e imagem constante da sua disposição de juiz”³⁴¹.

Como já foi sinalizado acima, Ez 15,1-8 usa o fogo como instrumento do juízo. O texto de Ezequiel está à base de outros ditos de Jesus, pois o ponto central é que de uma videira se espera frutos, sua madeira não serve para nada, se não para o fogo. Pergunta o profeta: “toma-se dela madeira para fazer alguma obra?” (Ez 15,3). Absolutamente. Por isso, no entender do profeta, Israel fora da relação fiel com o Senhor, cai na inutilidade. É fácil transportar este princípio hermenêutico para o texto do EvJo sobre a videira. Ele mostra a inutilidade do ramo fora da videira: não serve para nada, senão para ser jogado no fogo (εἰς τὸ πῦρ βάλλουσιν 6f).

Na passagem para o NT, o conteúdo da metáfora nos sinóticos é sempre o juízo escatológico, em João se deve pensar ao juízo que já se cumpre na presente escolha de fé, que é também escatológico³⁴². Também “no NT o fogo desenvolve um papel essencial enquanto pena escatológica”³⁴³. Este v. 6, lido no conjunto da Escritura, faz eco da fala de João Batista em Lc 3,9: πᾶν οὖν δένδρον μὴ ποιοῦν καρπὸν καλὸν ἐκκόπτεται καὶ εἰς πῦρ βάλλεται. O “fruto bom” lembra as “uvas boas” de Is 5,2. O EvJo, porém, prevê a retirada dos ramos não produtivos, não o corte da videira. “Jesus não está falando sobre a punição eterna, tudo que está

³³⁸ LANG, F. πῦρ. In: KITTEL, R. (org.). *GLNT*. Brescia: Paideia, 1977. V. 11. col. 858.

³³⁹ *Ibidem*, col. 847.

³⁴⁰ Cf. BOISMARD, M. E.; LAMOUILLE, A. *L'Évangile de Jean*: Synopse des Quatre Évangiles en Français. Paris: Cerf, 1977, p. 369: “O fogo não simboliza aqui os suplícios eternos, mas a destruição que espera aqueles que recusam agir de acordo com a palavra de Deus”.

³⁴¹ LANG, F. πῦρ. In: KITTEL, R. (org.). *GLNT*. Brescia: Paideia, 1977. V. 11. col. 847.

³⁴² Cf. BULTMANN, R. *Das Evangelium des Johannes*. Gottingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1952, pp. 413-414; LANG, F. πῦρ. In: KITTEL, R. (org.). *GLNT*. Brescia: Paideia, 1977. V. 11. col. 858.

³⁴³ *Ibidem*, col. 862.

dizendo é que o discípulo que deixa o seguimento dele se torna inútil”³⁴⁴. Estamos em um contexto metafórico, o que torna sempre devedoras de grande atenção as conclusões teológicas. Não é indiferente às escolhas de permanecer ou não em Jesus, de crer ou não nele. Se alguém (τις v. 6a) não permanecer, como (ὡς v. 6c) os ramos não produtivos não permanecem na videira, serão inúteis e inutilizados.

4.2.9.

Frutos da permanência em Jesus

7a ἐὰν μείνητε ἐν ἐμοὶ
 7b καὶ τὰ ῥήματά μου ἐν ὑμῖν μείνη,
 7c ὃ ἐὰν θέλητε αἰτήσασθε³⁴⁵,
 7d καὶ γενήσεται ὑμῖν.

Neste período tanto a prótase (7ab) quanto a apódose (7cd) são formadas por orações coordenadas. A oração 7ab é uma nova cara da “fórmula da imanência recíproca”: ἐὰν μείνητε ἐν ἐμοὶ / τὰ ῥήματά μου ἐν ὑμῖν. Em 7a a prótase é positiva, o que é fato novo na perícopes (cf. 4d, 4f, 6a). Mais uma vez o autor deixa a marca do estilo meticuloso da construção do texto, invertendo verbo e o advérbio de lugar: μείνητε ἐν ἐμοὶ / ἐν ὑμῖν μείνη. Há aqui outro fato novo: a prótase que mantém a mesma insistência de permanecer, não possui na apódose o produzir frutos, mas a escuta do pedido. O autor indica que a conveniência de permanecer em Jesus não é só – o que já seria muito – produzir frutos para a glória do Pai (cf. v. 8bc), mas há uma incondicional abertura para pedir e a segurança em receber.

Aqui a prótase é positiva ἐὰν μείνητε ἐν ἐμοὶ καὶ τὰ ῥήματά μου ἐν ὑμῖν μείνη (7ab); dada esta condição, o discípulo estabelece uma garantia dada por Jesus: a realização do que for desejado.

Nota-se que a prótase, que expressa a condição, é somente uma redação diferente da fórmula da imanência recíproca, sendo que o segundo membro é τὰ ῥήματά μου. O mesmo que foi dito para a palavra proferida por Jesus que faz os discípulos “limpos” (v. 3b διὰ τὸν λόγον ὃν λελάληκα ὑμῖν), pode ser afirmado

³⁴⁴ LINDARS, B. *The Gospel of John*. London: Oliphants, 1977, p. 489.

³⁴⁵ O imperativo é uma leitura de B; X e Q têm a leitura de futuro “pedirá”. O sentido deste v. é similar ao de 14,13. Cf. *Ibidem*.

aqui (v. 7bτὰ ῥήματά μου)³⁴⁶. Em última análise, é a permanência do próprio Jesus/Palavra no discípulo que leva ao cumprimento da condição.

A segurança do atendimento na oração funciona como um refrão no discurso de despedida. Marta sabe que o Jesus pedir a Deus ele dará (Jo 11,22 ὅτι ὅσα ἂν αἰτήσῃ τὸν θεὸν δώσει σοι ὁ θεός). É neste caminho aberto por Jesus que o discípulo encontra o viés da sua “autoridade” no pedir. Os textos que tratam desta prontidão em ser atendido (Jo 14,13.14; 15,16;16,23.24.26) frisam que são sempre pedidos feitos ἐν τῷ ὀνόματί μου. Não é tão relevante que seja o Pai ou o próprio Jesus a atendê-lo, mas indicar que se faça no nome de Jesus, quer dizer na sua pessoa, através da comunhão profunda com ele, ou seja, do estar permanecendo nele, é fundamental. Vê-se que não é algo mágico, mas extremamente exigente. Os discípulos de Jesus, permanecendo nele, terão também seus pedidos sempre escutados. Se a relação dos discípulos com Jesus está em tão estreita relação com a intimidade de Jesus com o Pai, e o Pai realiza suas obras em Jesus, não será estranho ao EvJo que se conclua que a segurança da escuta está no fato de Jesus morar nos discípulos.

Ademais, essa ideia é reforçada pelo fato de a imanência recíproca ser o pressuposto indicado (7ab). Notemos, porém, que o cumprimento da oração não consiste no cumprimento de desejos mundanos arbitrários; como esclarece 1Jo 5,15 “sabemos que possuímos o que havíamos pedido”, ou seja, naquele que permanecer em Cristo a própria oração já é o atendimento. Pede-se que se tenha o que já nos foi dado, que seja o que em Cristo fomos feitos³⁴⁷. Alguém que é sempre escutado sabe não ser mais ele que vive, mas Cristo que vive nele. O Pai escuta sempre Jesus (Jo 11,42: ἐγὼ δὲ ᾔδειν ὅτι πάντοτέ μου ἀκούεις), se alguém é sempre escutado é porque é Cristo que pede nele, ele conformou sua súplica à do Filho, sua vontade está adequada à do Filho.

Contrariaria isso a experiência? Aqui precisa distinguir o cumprimento ou não da condição, o nível do atendimento. A condição é permanecer “ἐν ἐμοί”; o que pressupõe a total disposição à vontade do Pai. Portanto, em um nível superficial, veríamos que nem sempre o discípulo tem atendidos seus desejos; mas

³⁴⁶ Kleinknecht define ῥήμα como “palavra enquanto vontade expressa” (DEBRUNNER, A.; KLEINKNECHT, H; KITTEL, G. λέγω, λόγος, ῥήμα, λαλέω. In: KITTEL, R. (org.). *GLNT*. Brescia: Paideia, 1970. V. 6. col. 227). Kittel conclui que “O plural indica, às vezes, todas as palavras de Jesus, sua mensagem inteira” (*Ibidem*, col. 296).

³⁴⁷ Cf. BULTMANN, R. *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Teológica, 2004, p. 524.

em um nível profundo a vontade de Jesus é sempre feita nele, enquanto a vontade do Pai se tornou também o alimento do discípulo.

4.2.10.

Desfecho da metáfora

8a ἐν τούτῳ ἔδοξάσθη ὁ πατήρ μου,
 8b ἵνα καρπὸν πολλὸν φέρητε
 8c καὶ γένησθε³⁴⁸ ἐμοὶ μαθηταί.

A oração principal (8a) abre o período. A ela estão ligadas duas orações coordenadas com equivalência sintática e semântica. A conjunção ἵνα tem valor declarativo³⁴⁹, ou mesmo explica o que é o ἐν τούτῳ. A glorificação do Pai se dá com duas ações imbricadas uma na outra: produzir frutos (linguagem metafórica) e ser discípulo de Jesus (linguagem conceitual). Sendo que o conjunto da perícope insiste que este feliz desfecho só é possível “se permanecerdes em mim” (ἐὰν μένητε ἐν ἐμοὶ 7c). Glorificar o Pai é realizar o seu querer profundo.

À perícope não interessa descrever o que seria produzir frutos, dado que não é este o ponto principal, nem se quer a condição para ser discípulo. O produzir frutos e o ser discípulo estão sintática e semanticamente no mesmo nível. “Que produzais muito fruto” (8b) “e torneis meus discípulos” (8c) não são realmente duas diferentes ações. Mostra ser discípulo pelos muitos frutos, mas os frutos só são possíveis naquele que é discípulo, naquele que permanece em Jesus. O autor constrói as orações invertendo verbo e os outros elementos: καρπὸν πολλὸν φέρητε / γένησθε ἐμοὶ μαθηταί. Com isso indica que é a mesma coisa dita em linguagem metafórica da relação dos ramos com a videira (produzir frutos), das pessoas com Jesus (tornar-se discípulo)³⁵⁰.

³⁴⁸ Cf. LINDARS, B. *The Gospel of John*. London: Oliphants, 1977, p. 490. O texto traz a forma no subjuntivo (B, D, L, Q e talvez P66): “A glória do Pai é revelada deste modo, que vós produzais muito fruto e, portanto, provais ser meus discípulos”. Há a forma variante futura (X e A): “quando a glória do Pai é revelada nisso que vós produzis muito fruto, e tornareis ao mesmo tempo meus discípulos”. Cf. DE LA POTTERIE, I L’emploi Du verbe “demeurer” dans la mystique johannique. *NRT*, n. 117, 1995, p. 850 (cf. 854). Este autor insiste sobre a forma futura do verbo, tirando inclusive conclusões teológicas: “indica que eles ainda não são [discípulos], pois a promessa é formulada ao futuro e que sua realização depende de uma condição (se...): a palavra que ‘permanece em’ o discípulo requer dele um aprofundamento de sua fé”.

³⁴⁹ ZERWICK, M; GROSVENOR, M. *A Grammatical Analysis of the Greek New Testament*. Roma, 1981, p. 332. Admitimos com Brown que o ἵνα é epexegetico de ‘τούτῳ’ (cf. BROWN, R.E. *The Gospel according to John*. New York: Doubleday & Company, 1970, p. 662).

³⁵⁰ Cf. BLASS, F; DEBRUNNER, A. *Grammatica del Greco del Nuovo Testamento*. Brescia: Paideia, 1997, §442, 6a. Atendo-se a este resultado semântico, pode-se inferir que, sintaticamente,

Como já foi observado acima, a perícope da videira justapõe constantemente, sem confundir, o nível real e o metafórico, dando ao ouvinte-leitor não só uma explicação conceitual, mas, concomitantemente, uma imagem plástica da mensagem vinculada; aliás a imagem é mensagem, é conceito a ser decodificado.

Quando se trata do desfecho da perícope, encontramos a indicação em nível metafórico do produzir muitos frutos, e no nível real do tornar-se discípulo. O elemento metafórico traz para o conceito real do tornar-se discípulo toda a tradição vétero-testamentária e a concretude da imagem sempre simples e comunicativa da videira cheia de frutos, alegrando o agricultor que dela cuida.

A forma passiva ἐδόξαθη³⁵¹ não indica quem dá glória, mas a ocasião em que isto acontece; muito embora haja relação entre tornar-se discípulo e dar glória. O destinatário é “ὁ πατήρ μου”. Ser glorificado é ser reconhecido (cf. Jo 11,4 com 11,42).

O texto central para entender o que vem a ser glorificar o Pai está em Jo 17,4: ἐγὼ σε ἐδόξασα ἐπὶ τῆς γῆς τὸ ἔργον τελειώσας ὃ δέδωκάς μοι ἵνα ποιήσω. Jesus glorificou o Pai porque “finalizou a obra que lhe foi dada”, sua missão de salvar o mundo (ἵνα σώσω τὸν κόσμον Jo 12,47; cf. 8,54), manifestando o “nome” do Pai (Jo 17,6). A glorificação de Jesus é feita pelo Pai quando lhe permite cumprir sua missão (cf. Jo 17,1.5; 11,4); mas quando Jesus cumpre sua missão isso redundando em glorificação do Pai (Jo 12,28; cf. 14,13). O Espírito também glorifica Jesus quando este anuncia o que é dele (ἐκ τοῦ ἐμοῦ Jo 16,14). Esses textos mostram que a glorificação fica, basicamente, restrita ao Pai e Jesus. Ao lado, porém, do v. 8 da perícope da videira, que fala do Pai ser glorificado pelo “produzir frutos”, ou o tornar-se discípulos do Filho, há um outro texto importante para ajudar a entender a possibilidade do Pai receber glória pelos discípulos; o texto diz que Jesus “foi glorificado neles” (δεδόξασμαι ἐν αὐτοῖς Jo 17,10). Nos discípulos, aos quais foi manifestado o “nome” e não são do mundo, neles Jesus é reconhecido. Ora este mesmo dinamismo se dá na relação com o Pai,

o καί que une 8b e 8c se trata de um καί *epexegeticum* ou *explicativum*, cuja melhor tradução seria “e assim”. Este elemento não é estranho ao EvJo, cf. Jo 1,16.20 e também 1Jo 3,4.

³⁵¹ Das 61 recorrências no NT, 21 estão no EvJo; sendo seis vezes a mesma forma verbal da nossa perícope: 7,39 (Jesus); 12,16 (Jesus); 13,31.32 (Jesus e Deus nele); 15,8 (o Pai). As duas primeiras estão ligadas à ressurreição de Jesus. Em 13,31 a glorificação se dá pelo encaminhamento da exaltação de Jesus na cruz.

pois dar glória ou glorificar “não significa dar a Deus algo que lhe falte, mas preferencialmente reconhecer o que lhe é próprio”³⁵². O καρπὸν πολλὸν φέρητε (8b) indica de que modo o Pai é reconhecido, é glorificado “pelo reconhecimento rendido através das obras”³⁵³.

O discípulo está glorificando o Pai pelo fato de ser discípulo, ou seja, ao reconhecer com todas as suas consequências, a importância do agir em função da plena gratidão. É preciso que o discípulo, ou melhor, o que se torna discípulo tenha percebido o universo novo de suas ações, sua relação com Jesus e com o Pai.

Como “ninguém jamais viu a Deus” (θεὸν οὐδεὶς ἑώρακεν πώποτε Jo 1,18), senão o “μονογενῆς”, também seu ser só é acessível pelo Filho. São as ações do Filho que são capazes de manifestar a glória do Pai.

Admitindo que no AT “não está excluído que se usasse *kabod* como definição de quanto na divindade caísse sob os sentidos”³⁵⁴, ou seja, “a essência divina na sua forma visível”³⁵⁵, a glória é, portanto, a manifestação da santidade. Quando passamos ao NT “o termo δόξα se refere em modo específico à particular natureza divina”³⁵⁶. Deus tem em si a glória, reconhecê-la é glorificá-lo. Por isso, todo o agir de Jesus glorifica o Pai, pois ele nada faz “por si mesmo” (ἑαυτοῦ); o agir na dependência é glorificação. No caso de Jesus, a glorificação do Pai é seu escopo final (Jo 13,31; 14,13; 17,1ss). Em tensão com os judeus que recebem “glória uns dos outros” (δόξαν παρὰ ἀλλήλων Jo 5,44), Jesus recebe do Pai seu testemunho, pois já na Escritura deu testemunho dele (cf. Jo 5,37s). Se Israel o recusa, Moisés se torna o acusador “diante do Pai” (πρὸς τὸν πατέρα Jo 5,45). “Toda a história da salvação é ancorada no mais íntimo liame entre Pai e Filho. É este o fulcro do querigma joanino”³⁵⁷. O discípulo deve fazer como Jesus faz na sua relação com o Pai. A vontade do Pai guia o Filho e é a força que conduz o evento salvífico. O Filho vive só em função do Pai³⁵⁸. Não há como ser discípulo

³⁵² KITTEL, G. δόξα. In: Id. (org.). *GLNT*. Brescia: Paideia, 1966. V. 2. col. 1377.

³⁵³ *Ibidem*, col. 1385.

³⁵⁴ RAD, G. von, δόξα. In: KITTEL, R. (org.). *GLNT*. Brescia: Paideia, 1966. V. 2. col. 1363.

³⁵⁵ *Ibidem*, col. 1376.

³⁵⁶ KITTEL, G. δόξα. In: Id. (org.). *GLNT*. Brescia: Paideia, 1966. V. 2. col. 1384.

³⁵⁷ SCHRENK, G. πατήρ. In: KITTEL, R. (org.). *GLNT*. Brescia: Paideia, 1966. V. 2. col. 1262.

³⁵⁸ Cf. RENGSTORF, K.H. μαθητής. In: KITTEL, R. (org.). *GLNT*. Brescia: Paideia, 1970. V. 6. col. 1262.

sem esta dependência, pois o discípulo se define por glorificar o Pai (ou Jesus); ser autossuficiente é buscar a própria glória (cf. Jo 7,18; 8,50).

A glorificação do Pai pelo discípulo se dá quando ele, permanecendo em Jesus, vive a partir da vida que vem dele, vive da palavra dele; sabendo que a palavra de Jesus, não é dele, enquanto fonte, mas é do Pai. Quando o movente de fundo do discípulo for o mesmo de Jesus, então o Pai é glorificado.

Ampliando o horizonte para o conjunto da compreensão joanina do discipulado, pode-se traçar um grande mapa comparativo ressaltado elementos que sobressaem no EvJo.

No EvJo, naquilo que corresponderia ao início da vida pública de Jesus nos sinóticos, está que alguns discípulos de João Batista vão atrás de Jesus (Jo 1,35-39). Este fato está em paralelo com os primeiros chamados nos sinóticos. Mesmo naquele contexto tão tradicional, já é deixado pelo autor do EvJo sua marca, ao dizer que os discípulos foram e permaneceram com ele (Jo 1,39 : ἦλθαν οὖν καὶ εἶδαν ποῦ μένει καὶ παρ' αὐτῷ ἔμειναν). O que marca o específico do EvJo é o nível da comunhão e o modo de concretizá-la. Atendo-se à metáfora da videira para entender o ser discípulo, o ouvinte-leitor, a esta altura do escrito, se dá conta que a seiva que o permitirá viver como discípulo vem da videira, e somente dela; é na união com Jesus que o discípulo glorifica o Pai³⁵⁹. Ou seja, qualquer outra tentativa, ou qualquer ação que não siga a regra da videira-ramos não é apropriada para o discípulo de Jesus.

No EvJo a dependência radical dos discípulos é justificada, antes de tudo, pelo chamado de Jesus: “não fostes vós que me escolhestes, mas fui eu que vos escolhi” (οὐχ ὑμεῖς με ἐξελέξασθε, ἀλλ' ἐγὼ ἐξελεξάμην ὑμᾶς Jo 15,16). Para ser verdadeiramente discípulo é preciso permanecer na palavra (Jo 8,31: Ἐὰν ὑμεῖς μείνητε ἐν τῷ λόγῳ τῷ ἐμῷ, ἀληθῶς μαθηταί μου ἐστέ), se ater às suas ἐντολαί (Jo 13,14s; 14,15ss; 15,10ss). O discípulo passa de δοῦλος ἀφίλος (Jo 15,14ss). Notamos que Jesus está sempre na posição de quem guia, ordena, ensina. A comunhão com ele não está no nível da paridade. Tudo na vida do discípulo é em dependência de Jesus. “Visto que Jesus se encaminha para a cruz, a entrada na comunhão com ele como seu μαθητής tem por consequência a obrigação do sofrimento [...]. O discípulo deve estar pronto a sofrer se quer segui-lo. Somente a

³⁵⁹ BLANK, J. *O Evangelho segundo João*. Petrópolis: Vozes, 1988, p. 146.

força da páscoa pode explicar a alegre prontidão para o sofrimento que os discípulos de Jesus mostraram desde o princípio e, depois, ao longo da história”³⁶⁰.

Há no EvJo uma estreita relação entre discípulo e fé (Jo 2,11; 20,24-29). Em Jo 6,60ss onde distanciar-se de Jesus significa não crer nele e, como tal, marca o fim da pertença ao grupo dos discípulos³⁶¹.

Do ponto de vista do fiel, o tornar-se discípulo é o resultado de vários passos dados. A própria expressão “tornar-se” indica um fato dinâmico, um antes “não discípulo” e um novo sujeito que surge: “o discípulo”. Supõe a aceitação da condição colocada: permanecer em Jesus. O discípulo é algo novo no cenário: ele glorifica o Pai, permanece na videira, portanto, produz muito fruto. Ele está convencido existencialmente que fora desta relação, nada pode fazer que tenha valor salvífico. O discípulo nasce na relação com Jesus, mas ele se mostra tal no amor recíproco: “ἐν τούτῳ γινώσκονται πάντες ὅτι ἐμοὶ μαθηταί ἐστε, ἐὰν ἀγάπην ἔχητε ἐν ἀλλήλοις (Jo 13,35). “Produzir frutos e tornar-se discípulo não são duas coisas separadas”³⁶²; isso a própria sintaxe indicou.

O discípulo tem que permanecer na palavra, no que lhe foi ensinado e na Pessoa que o ensinou. O Espírito assegura a presença sempre viva de Jesus na comunidade. O discipulado será sempre comunhão pessoal com Jesus, ele não pode ser substituído por ninguém nem por nenhuma instituição. O discípulo, por sua vez, não substitui Jesus, mas deve fazê-lo presente. Para quem segue Jesus a condição de discípulo não é o início de uma promissora carreira, mas um cumprimento mesmo de seu destino.

Sem dúvida havia a possibilidade do equívoco do cristianismo como mais uma corrente filosófica, daí o uso de μαθητής não ter se firmado no ambiente grego como sinônimo de cristão, acabando por cair em desuso³⁶³.

Enfim, os horizontes da simbologia e da realidade tocam constantemente no texto. Na mesma afirmação há simbologia e realidade. Este é um elemento

³⁶⁰ Cf. RENGSTORF, K.H. μαθητής. In: KITTEL, R. (org.). *GLNT*. Brescia: Paideia, 1970. V. 6. col. 1207-1209.

³⁶¹ Cf. SCHNACKENBURG, R. *El Evangelio segun San Juan*. Salamanca: Herder, 1980, p. 137.

³⁶² BARRETT, C.K. *The Gospel according to John*. Introduction with Commentary and Notes on the Greek Text. 2. ed. London: SPCK, 1978, p. 475.

³⁶³ Cf. RENGSTORF, K.H. μαθητής. In: KITTEL, R. (org.). *GLNT*. Brescia: Paideia, 1970. V. 6. col. 1233. Só encontramos μαθητής nos evangelhos, incluindo EvJo (233 vezes), e nos Atos dos Apóstolos (28 vezes).

específico desta perícope (“eu sou a videira verdadeira”). Jesus admite que o Pai cuidará da videira. Poderia o Agricultor arrancar ou abandonar a Videira? Não. Não mais.

Parar no v. 8 seria uma exclusão da importância da práxis na vida cristã? Isso seria desfigurar o ser do discípulo, e não levar em conta a unidade da Escritura, que é o horizonte hermenêutico de cada texto bíblico. Por outro lado o texto mesmo apresenta uma linha de prioridades, que vai na direção da relação com Cristo, que forma a ontologia mesma do discípulo. O ser discípulo não é uma decisão meramente ética, há uma ontologia a ser levada em conta; isto é que se quis priorizar.

4.3.

Função comunicativa do texto

Quais funções têm este texto para o ouvinte-leitor? Quais incentivos e impulsos para seu ser e seu agir e quais modelos que o leitor do EvJo colhe para si? Enfim, qual o intento comunicativo do texto? Para quais problemas o texto indica resposta? Qual efeito se quer obter?

A perícope da videira deve ser lida no amplo contexto do “discurso de despedida”, sabendo que “a despedida de Jesus não é o tema, é o cenário e a atmosfera... O tema é nossa existência em união de amor com ele”³⁶⁴. Ele responde sobre o definitivo eclesiológico: eu sou a videira (vv. 1a, 5a); fala do primado absoluto da relação com Jesus (v. 4; v. 5); sobre como o ramo pode dar fruto, como o discípulo pode ser tal, glorificando o Pai (v. 8); responde sobre o triste desfecho de quem escolhe não permanecer em Jesus (v. 6), mas assegura o atendimento dos pedidos daquele que permanece (v. 7).

“Seu pensamento (do autor do EvJo) implica certo substrato de ideias, com as quais, na suposição do autor, os leitores podiam estar familiarizados. Até que ponto somos capazes de reconstruir este substrato?”³⁶⁵. A própria obra dá os elementos para colher sua comunicação. O texto é composto com pontes que permitem ligar o ouvinte-leitor com sua intenção. O autor do EvJo se encarregou de deixar claro o objetivo da obra: “para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho

³⁶⁴ KÖNINGS, J. *Evangelho Segundo João*. São Paulo: Loyola, 2005, p. 254.

³⁶⁵ DODD, C. H. *A Interpretação do Quarto Evangelho*. São Paulo: Paulinas, 1977, p. 15.

de Deus, e para que, crendo, tenhais a vida em seu nome” (Jo 20,31). Ademais, “o autor vê seu ouvinte (ou leitor) como seu discípulo no processo da fé”³⁶⁶.

Onde entra a perícopa da videira como texto para auxiliar na consecução deste objetivo? Ou ela tem uma função própria, o que seria admitir sua posição deslocada da obra do EvJo?

No amplo contexto da despedida (cap. 13–17) são indicados os principais temas para a vida dos discípulos no mundo. A perícopa da videira tem uma colocação estratégica, pois após o anúncio da partida de Jesus e do envio do paráclito (13,31–14,31), antes de introduzir o pesado tema do “ódio do mundo” (15,18–16,4a), fala sobre a fonte da qual o discípulo se sustenta; que é, em última análise, onde ele nasce e sobrevive: sua ligação vital com Jesus.

A metáfora da videira retoma uma linha forte de expressão da relação de Deus com seu povo. Ao lado da metáfora do esposo/esposa, esta é a mais comum no AT. O EvJo faz uso de uma e de outra. Nas bodas de Caná está a metáfora do esposo, aqui a da vinha/videira. O ouvinte-leitor sabe da história de cuidado do Senhor com sua vinha, mas não pode desconhecer o anúncio de juízo que acompanha tanto nos profetas (Is, Jr e Ez) como no Sl 80.

No horizonte comunicativo dessa perícopa, quatro pontos serão destacados:

1. Função polêmica. Há um caminho desaconselhado (“por si mesmo”); quem não permanecer será retirado (αἶρει αὐτόν. 2b), secado, juntam, jogam ao fogo e é queimado (v. 6). Não se trata de adversários, mas de uma possibilidade da qual se deve manter distância. A pessoa que se propõe a ser discípulo é desautorizada a não permanecer; não permanecer é já ser submetido ao juízo, e o mais severo por sinal. Não permanecer e não crer; “quem não crê já está julgado” (ὁ δὲ μὴ πιστεύων ἤδη κέκριται Jo 3,18). Há tensão entre oração sempre escutada, resultante da permanência nele, e a secura dos ramos e destruição dos que não permanecem na videira/Jesus. É mais uma vez o quadro joanino da luz ou das trevas.
2. Função Testemunhal. O contraste entre quem não permanece (v. 6) e quem permanece (v. 7) coloca diante do ouvinte-leitor as possibilidades. Os muitos frutos de uma vida fecunda dependem desta escolha. A escolha

³⁶⁶ KÖNINGS, J. *Evangelho Segundo João*. São Paulo: Loyola, 2005, p. 28.

adequada, diante da proposta do texto, é a permanência na videira/Jesus, que leva à glorificação do Pai, tornando-se discípulo de Jesus. Há tensão despedida/permanência: aquele que está falando de sua partida exige dos seus, como condição exclusiva para o discipulado, a permanência nele; ele vai, mas devem permanecer nele.

3. Função hiperbólica: sem mim nada podeis fazer (χωρὶς ἐμοῦ οὐ δύνασθε ποιεῖν οὐδέν 5f). O que resta a quem pretende ser discípulo? Toda possibilidade de se arranjar fora ou independente (“por si mesmo” ἄφ’ ἑαυτοῦ 4c) de Cristo lhe é excluída. Esse “nada”, que é um conceito teológico mais que quantitativo, desautoriza, porém, qualquer pretensão autossuficiente. A pergunta que naturalmente surge é: “em que nível essa afirmação se verifica?” Essa ausência de alternativa seria sufocante se a proposta de permanecer nele não fosse ao mesmo tempo atrativa e capaz de atender à busca do ouvinte-leitor.
4. Função teológica: O grande discurso de despedida começa com καὶ δείπνου γινομένου (Jo 13, 2a). Este é o horizonte de leitura da perícopie: uma ceia. A videira verdadeira tem a ver com o vinho servido na ceia. O lugar preparado para receber “as uvas verdadeiras” recebe o dom que a videira verdadeira faz de si para alimentar os ramos. No conjunto da despedida do “patriarca”, que é ὁ διδάσκαλος καὶ ὁ κύριος (Jo 13,13a), a metáfora da videira tem uma palavra definitiva sobre o ser discípulo: somente alguém se torna discípulo com a permanência em Jesus.

Concluída a análise da perícopie joanina, cabe agora a pesquisa encaminhar-se para o que foi proposto: um estudo comparativo da semântica e da teologia comum entre Paulo (Fl 3,1-16) e João (Jo 15,1-8) para desenhar o essencial para o vir a ser e o ser do discípulo. Essa é a tarefa do capítulo conclusivo que segue.